

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO NORTE  
CENTRO DE ENSINO SUPERIOR DO SERIDÓ  
DEPARTAMENTO DE HISTÓRIA E GEOGRAFIA  
CURSO DE HISTÓRIA

**ENTRE ESTRATÉGIAS E TÁTICAS:**  
enredos das festas dos Negros do Rosário em  
Jardim Seridó-RN

DIEGO MARINHO DE GOIS

CAICÓ-RN  
2006

DIEGO MARINHO DE GOIS

**ENTRE ESTRATÉGIAS E TÁTICAS:**  
enredos das festas dos Negros do Rosário em  
Jardim do Seridó-RN

Monografia apresentada como requisito parcial à obtenção do título de Bacharel em História, pela Universidade Federal do Rio Grande do Norte, do Centro de Ensino Superior do Seridó, sob a orientação do Prof. Ms. Joel Carlos de Souza Andrade.

CAICÓ-RN  
2006

## DEDICATÓRIA

Aos Negros do Rosário. Heróis comuns. Poetas de suas vidas. Inventores de mil práticas, astúcias sutis, táticas de resistências, pelas quais eles alteram a seu jeito os objetos e os códigos que lhes são impostos por uma ordem estabelecida.

## **AGRADECIMENTO**

Chegamos ao fim de uma empreitada. Olhamos para trás e contemplamos as muitas pessoas que nos ajudaram a superar as adversidades, que se opuseram as nossas vitórias. No entanto, quando nos pomos a elencar todos aqueles que nos foram valiosos, corremos o risco de sermos traídos pelo esquecimento. Neste sentido, ao listar as pessoas que me são caras, listo também aqueles que mesmo não estando aqui mencionados, me ajudaram em demasia ao longo desta pesquisa.

### **A Deus:**

A quem tudo devo. Nele, tudo posso.

### **À família:**

Por acreditarem em mim e se alegrarem com as minhas alegrias. Em especial, ao meu pai Zé de Góis e minha mãe Rita, pela vida. E a minha irmã Janaina, que mesmo não gostando de história, lia os meus rascunhos e me ajudou na digitação deste trabalho.

### **Aos professores:**

Que nestes últimos quatro anos e meio, compartilharam comigo os seus conhecimentos. Em especial, ao professor Helder Alexandre de Medeiros Macedo, à professora Ms. Jailma Maria de Lima, que me iniciou na prática da docência e ao Ms. Joel Carlos de Souza Andrade, que me guiou a caminhar sob os olhos de Clio. Agradeço também à professora Dra. Regina Coelli Gomes do Nascimento, o que dizer desta mulher? A sua presença no curso de

História é insubstituível, e a mestranda Olívia Morais de Medeiros Neta, um exemplo a ser seguido; obrigado por aceitarem o convite de avaliar esta pesquisa.

**Aos colegas:**

Difícil encontrar palavras para expressar o que sinto por cada um, que nestes quatro anos e meio conviveram comigo no curso de História. A geração de historiadores de 2002 jamais será esquecida. Este espaço de agradecimento é pequeno para elencar o nome de todos, assim saúdo a cada um dos colegas, sem relatar nomes.

**Aos entrevistados:**

Por compartilhar comigo relatos de vidas e de festas. Conversar com essas pessoas foi viajar a diferentes tempos, uma incursão pelos caminhos da memória. Adentrar à casa de cada um deles foi vivenciar uma experiência de troca sem precedentes. Deles levo comigo mais do que simples depoimentos...

**Aos colaboradores:**

Olavo de Medeiros Filho (in-memoriam) por me enviar cópias de documentos sobre a Irmandade de Nossa Senhora do Rosário, arquivados no Instituto Histórico do Rio Grande do Norte. A Sebastião Arnóbio de Morais, conhecedor da história de Jardim do Seridó, por facilitar a realização da pesquisa no Arquivo da Paróquia de Nossa Senhora da Conceição. À Adriana Medeiros de Macedo, ex-tesoureira da referida Irmandade pelo empréstimo de fotografias. À Rita Eunice, por tornar possível a entrevista com Monsenhor Ernesto, além de fornecer fotografias. À Wildete Medeiros, pelas informações e fotos. A Rilawilson José de Azevedo, que sempre me socorria com seus conhecimentos de informática. E à Irmandade do Rosário, nas pessoas de

Geraldo José de Lima e Francisca Helena, tesoureiro e coordenadora respectivamente, pelas informações.

Enfim, a todos aqueles que contribuíram, de uma forma ou de outra, para o meu crescimento, o meu eterno reconhecimento, obrigado...

## SUMÁRIO

ENREDOS INICIAIS.....	01
Conhecendo o objeto da pesquisa.....	01
Reconhecendo o objeto de pesquisa.....	03
Construindo o objeto de pesquisa.....	05
Paisagem da pesquisa.....	06
1  PRIMEIRO ENREDO: Arte de fazer.....	09
1.1 Artes de Fazer, Artes de Narrar: a reinvenção das festas de São Sebastião e Nossa Senhora do Rosário.....	10
1.2 Negros do Rosário: tecendo histórias, imprimindo festas.....	14
1.2.1 Negros do Rosário: sujeito e poetas.....	16
1.2.2 Quando a vida se encontra com a experiência de festa.....	18
1.2.3 Vozes poéticas construindo festas.....	28
1.2.4 Das viagens à festa: as festas das viagens.....	32
2  SEGUNDO ENREDO: artes de desfazer.....	36
2.1 Olhares Vigilantes: A Igreja disciplinando os Negros do Rosário.....	37
2.2 A ordem sendo exercida por uma arte: a sanção normatizadora das festas.....	45
2.3 As Artes de dar “golpes”; táticas dos Negros do Rosário.....	53
PENÚLTIMOS ENREDOS.....	59
REFERÊNCIAS.....	63

## ENREDOS INICIAIS

### Conhecendo o objeto de pesquisa

Caro leitor, apure seus ouvidos, ouça os sons. O calendário marca 30 de dezembro, enquanto o sino da Igreja bate seis pancadas para anunciar a hora do Ângelus. Um pouco distante dali, ouve-se o estourar dos foguetões, proclamando o início da recitação do Rosário à Virgem Maria. Defronte à Casa do Rosário, já estão expostas para veneração dos fiéis as imagens de São Sebastião e Nossa Senhora do Rosário em seus andores ricamente ornados de flores.

Homens, mulheres e crianças começam a recitar os padre-nossos e as ave-marias, como que oferecendo rosas à Virgem Mãe de Deus. A cada dez ave-marias entoa-se um bendito mariano. As horas vão passando e as orações se tornando cada vez mais cansativas; os impacientes começam a olhar para o relógio. Neste momento, o clima de oração é atrapalhado pelo som da Banda de Música Euterpe Jardimense, que se aproxima para animar a procissão, que acontece logo após a recitação do Rosário. Concluída as 150 ave-marias, reza-se a oração da Salve-Rainha, como que, para coroar o final do Rosário.

Este primeiro momento é seqüenciado pela procissão. Duas filas são formadas pelas senhoras e senhores pertencentes às associações da Paróquia. A banda entoa o dobrado “Cônego Ambrósio”, característica das procissões em Jardim do Seridó-RN. Seguindo o cortejo, quatro senhoras negras conduzem as bandeiras em homenagem aos santos festejados. Atrás delas, formando três filas, os Negros do Rosário perfilam com suas bandeiras e espontões.



Depois de encerrado o dobrado, os negros iniciam suas “apresentações”, tocando seus tambores e pífaros. Os sinos da Igreja repicam alegremente, convocando os fiéis a entrarem na esfera do sagrado e tomar parte da caminhada.

O cortejo se aproxima da Igreja matriz, local onde acontecem os ritos litúrgicos das festas. Ao som do hino de São Sebastião, tocado pela banda de música, o sacerdote eleva aos céus as bandeiras que foram conduzidas em procissão. Circundando o mastro, os Negros do Rosário, também elevam os seus espontões, como que com este gesto estivessem tocando o sagrado, e depositando suas angústias, sofrimentos e esperanças. Aplausos, foguetões e os sinos da matriz emocionam os sujeitos crentes<sup>1</sup>, estabelecendo uma relação de troca com o santo de devoção, através de promessas feitas com auxílio de preces. Pedem-se saúde, chuva, dinheiro, enfim uma profusão de elementos que compõem o universo de desejo daquele que reza.

Encerrado o hasteamento das bandeiras, os Negros do Rosário formam um corredor e com os espontões elevados para o alto, dão passagem aos sacerdotes e as imagens de devoção. Em seguida, aos aplausos dos presentes, eles adentram ao templo católico, dançando e tocando os tambores e pífaros. Este ritual é seqüenciado pela novena, comunhão e benção solene do Santíssimo Sacramento.

No dia trinta e um de dezembro, durante a manhã e tarde, os Negros do Rosário percorrem as ruas e avenidas da cidade; e quando são convidados, entram nas residências para realizarem suas performances. À noite, grandes surpresas vão se revelando, pois é o dia da coroação dos novos reis. Na Casa do Rosário, uma parte do reinado começa a se preparar para em cortejo, conduzir o rei a ser coroado. Este cortejo é animado pelo grupo da Boa Vista. Noutro

---

<sup>1</sup> Foi utilizada a palavra crente no sentido primeiro que o Aurélio o atribui: aquele “que crer”; “que tem fé ou crença religiosa”. É pertinente o esclarecimento uma vez que é comum, na região do Seridó, a associação da palavra crente como sinônimo daqueles que são adeptos das religiões protestantes. Portanto, como lembra Joel Carlos de Souza Andrade “o ato de crer é um ato de investimento”. ANDRADE, Joel Carlos de Souza. *Os Filhos da Lua: poetas sebastianistas na Ilha dos Lençóis – MA*. Dissertação (Mestrado em História Social). Universidade Federal do Ceará: Fortaleza. 2002. p 125. É neste sentido que será empregado a palavra crente.

ponto da cidade, se concentra a rainha, que juntamente com o grupo de Jardim do Seridó-RN, seguem para a Igreja. É o momento do “encontro”, formando um só reinado e um só grupo de Negros do Rosário.

O rei e a rainha, “perpétuos”, seguram as coroas que foram conduzidas em procissão pelos guardas de honra, e sem nenhuma proclamação colocam-nas sobre as cabeças dos novos reis. Aos aplausos dos presentes, segue a homenagem da banda de música, que toca um dobrado exclusivo para os negros coroados de reis; enquanto estes, incomodados pelo peso das coroas feitas de bronze procuram acomodá-las à cabeça. Ao reinado, são reservados os melhores locais na Igreja; é a oportunidade do “homem ordinário”<sup>2</sup> se projetar e ser visto.

Já no dia primeiro de janeiro, “dia da festa” em Jardim do Seridó-RN, logo pela manhã, a Irmandade de Nossa Senhora do Rosário e São Sebastião se reúne para deliberar os assuntos referentes a esta congregação de negros. A corte reunida se põe em procissão, juntamente com os Negros do Rosário, até a Igreja onde é celebrada a Missa Solene da Festa. Após esta celebração, tem-se o almoço da Irmandade em alguma residência da “elite jardinense”. À tarde, realiza-se a grande procissão de encerramento da festa, cujo marco final dos festejos são as decidas das bandeiras dos santos cultuados.

### **Reconhecendo o objeto de pesquisa**

Estes rituais sempre estiveram presentes em minha vida<sup>3</sup>, constituindo-se momentos de devoção e também de sociabilização. Desde a infância, às festas de São Sebastião e Nossa

---

<sup>2</sup> CERTAU, Michel de. *A Invenção do Cotidiano: artes de fazer*. Petrópolis: Vozes, 2001.

<sup>3</sup> Embora a pesquisa seja construída na terceira pessoa acompanhada do pronome se, nos “enredos iniciais” e nos “penúltimos enredos”, a primeira pessoa do singular acha-se mais adequada; no sentido de justificar relevâncias pessoais.

Senhora do Rosário me pareciam familiar, afinal sou filho de família católica. Assim, como muitas outras crianças, acompanhadas de seus pais, em minha infância, participei dos rituais de coroação dos reis negros e me emocionava com os sons estridentes dos tambores a entoarem suas melodias, principalmente quando tocados no interior do templo católico, que em virtude de suas largas paredes, tornam uma acústica que embalava o meu coração. Como diz Albertina Mirtes de Freitas Pontes:

A escolha de um tema que vem construir objeto de pesquisa para a produção de um trabalho acadêmico, precedida de muitos questionamentos e análises preliminares, é em última instância, uma decisão pessoal do pesquisador. Ao adotar uma opção, ele deixa transparecer muito de suas preferências, de suas experiências pessoais, de sua visão de mundo<sup>4</sup>.

Como se muito de mim estivesse presente no próprio “objeto” de pesquisa, me lancei no universo das festas dos Negros do Rosário, principalmente quando da minha entrada no curso de História no ano de 2002. Já no primeiro semestre da graduação, especificamente através da disciplina Metodologia do Trabalho Científico, surgiu a oportunidade de me debruçar sobre o mundo da pesquisa para a confecção de um projeto. O período da graduação foi passando e a idéia de desenvolver uma pesquisa sobre as festas dos negros foi sendo amadurecida a partir do diálogo com os professores, das leituras que fiz na experiência acadêmica e dos contatos que mantive com os próprios Negros do Rosário.

Destes contatos surgiram à articulação do projeto de pesquisa monográfica. No entanto, superado o entusiasmo inicial, algumas problemáticas começaram a povoar minhas reflexões: quem são os Negros do Rosário? O que eles buscam nas festas de São Sebastião e Nossa Senhora do Rosário? Como estas festas são vistas pela Igreja católica?

---

<sup>4</sup> PONTES, Albertina Mirtes de Freitas. *A Cidade do Clube: modernidade e “glamour” na Fortaleza de 1950 – 1970*. Dissertação de Mestrado. UFC. Fortaleza: 2003.

## Construindo o objeto de pesquisa

Iniciei a pesquisa, tomando como referência o livro de Michel de Certeau, *A Invenção do Cotidiano: artes de fazer* que através do conceito de “consumo” me orientou a pensar os Negros do Rosário enquanto consumidores da religião católica; e por não serem nem obedientes nem passivos, reempregam esta crença com outras “maneiras de fazer”: os reinados, as visitas, os batuques, enfim um sem-números de práticas cotidianas. Em seguida, mantive um diálogo bastante instigante com o conceito de “disciplina” de Michel Foucault<sup>5</sup>, auxiliando-me a problematizar a atuação da Igreja católica nas festas dos negros. Além disso, a partir de uma vasta bibliografia sobre memória, em particular: Alistair Thomson<sup>6</sup>, Laiva Otero Félix<sup>7</sup>, Pierre Nora<sup>8</sup>, Jacy Alves de Seixas<sup>9</sup>, Jacques Le Goff<sup>10</sup>, Joel Carlos de Souza Andrade<sup>11</sup>, Júlio Pimentel Pinto<sup>12</sup> e Paul Zumthor<sup>13</sup>, discuti a construção das memórias de festas pelos Negros do Rosário.

Escolhi como base metodológica a história oral, tendo como documentação a memória dos velhos. Embora memória e história não serem sinônimas:

<sup>5</sup> FOUCAULT, Michel. *Vigiar e Punir: o nascimento da prisão*. Petrópolis: Vozes, 1987.

<sup>6</sup> THOMSON, Alistair. Reconstituo a Memória: Questões sobre a Relação entre a História Oral e as Memórias. In: *Projeto História*. São Paulo: PUC/SP, N° 15, abril, 1999.

<sup>7</sup> FÉLIX, Laiva Otero. *História e Memória: a problemática da pesquisa*. 2ª ed. Passo Fundo: UPF, 2004.

<sup>8</sup> NORA, Pierre. Entre Memória e História: A Problemática dos Lugares. In: *Projeto História*. São Paulo: PUC/SP N° 10, 1993.

<sup>9</sup> SEIXAS, Jacy Alves de. Os Tempos da Memória: (des)continuidade e projeção uma reflexão (in)atual para a história? In: *Projeto História*. São Paulo: PUC/SP N° 24, junho, 2002.

<sup>10</sup> LE GOFF, Jacques. Memória. In: *História e Memória*. Campinas: EDUNICAMP, 1995.

<sup>11</sup> ANDRADE, Joel Carlos de Souza. Op. Cit.

<sup>12</sup> PINTO, Júlio Pimentel. Os Muitos Tempos da Memória. In: *Projeto História*. São Paulo: PUC, n° 17, 1998.

<sup>13</sup> ZUMTHOR, Paul. *A Letra e a Voz: a “literatura” medieval*. São Paulo: Companhia das Letras, 1993.

A história é a reconstrução sempre problemática e incompleta do que não existe mais (...) A memória emerge de um grupo que ela une, o que quer dizer, que há tantas memórias quantos grupos existem; que ela é por natureza múltipla e desacelerada, coletiva, plural e individualizada. A história, ao contrário pertence a todos e a ninguém, o que lhe dá uma vocação para o universal<sup>14</sup>.

Mas há um ponto comum entre elas: a remissão ao passado; nesse sentido, a memória torna-se objeto de estudo da história. Utilizei-me desta ferramenta na produção do conhecimento histórico, atento aos cuidados especiais que essa metodologia de pesquisa apresenta. Assim, antes de tomar os relatos a mim confiados como uma simples confirmação do que eu buscava, procurei questioná-los e desmontá-los para dar corpo ao meu trabalho. No entanto, não desprezei outras fontes como: hemerográficas, iconográficas e livro de tombo.

Imbuído por um espírito aventureiro saí à “caça”, como diz Marc Bloch<sup>15</sup>, de narradores; de pessoas que tinham alguma ligação com as festas, objeto do meu estudo. Em contatos iniciais com alguns Negros do Rosário, sempre ficava transparecido que dentro do grupo alguns sujeitos ocupavam o lugar de “depositários da memória”<sup>16</sup>, estes são chamados de os “mais velhos”, pois são detentores de um conhecimento e um reconhecimento dentro do grupo. A colônia de narradores foi formada principalmente pelos “mais velhos”<sup>17</sup> e também, por pessoas ligadas à Igreja<sup>18</sup>. Sete foram os entrevistados, que compartilharam suas memórias.

### **Paisagem da pesquisa**

É chegada a hora, então de “tomar” lugar nas festas de São Sebastião e Nossa Senhora do Rosário e iniciar o cortejo pelas ruas da cidade de Jardim do Seridó-RN. Eis o percurso:

<sup>14</sup> NORA, Pierre. Op. Cit., p.9.

<sup>15</sup> BLOCH, Marc. *Apologia da História ou o Ofício do Historiador*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2001, p. 54.

<sup>16</sup> ANDRADE, Joel Carlos de Souza. Op. Cit., p. 140.

<sup>17</sup> Os entrevistados foram: a Senhora Dona Inácia, o Senhor Joaquim Dantas, o Senhor Antônio “Capitão”, o Senhor Amaral e o Senhor Zé Vieira.

<sup>18</sup> Monsenhor Ernesto da Silva Espínola e Geraldo Alves da Fonseca.

**PRIMEIRO ENREDO: Artes de fazer.** Este capítulo tem como ênfase a historicidade do ritual das festas dos Negros do Rosário em Jardim do Seridó-RN; cuja “paisagem de pesquisa” se apresenta da seguinte forma: **Artes de Fazer, Artes de Narrar: a reinvenção das festas de São Sebastião e Nossa Senhora do Rosário**, discute-se a atuação dos Negros do Rosário, através do conceito de “consumo” de Michel de Certeau. Nesta ótica, os negros ao consumir a religião católica, reelaboram esta crença com outras “maneiras de fazer”. Em **Tecendo histórias, imprimindo festas** aborda-se a historiografia e literatura local, percebendo como estes festejos são construídos nas produções historiográficas. Já em **Negros do Rosário: sujeitos e poetas**, apresenta-se os sujeitos/poetas, Negros do Rosário como narradores de “histórias originais”. Esta discussão é aprofundada em **Quando a vida pessoal se encontra com a experiência de festa**, onde é trabalhada a história de vida de alguns “depositários da memória”, percebendo como a vida de alguns sujeitos se entrelaçam com a experiência coletiva das festas. Em **Vozes poéticas construindo festas**, constituem um momento privilegiado onde a arte de narrar é exercida pelos Negros do Rosário, no sentido de construir histórias de festas, segundo a sutileza de cada um. Já em **Das viagens à festa: as festas das viagens** abordam-se as viagens realizadas pelos negros da comunidade Boa Vista até a cidade de Jardim do Seridó-RN para participarem das festas.

**SEGUNDO ENREDO: Artes de desfazer**, enfoca a ligação dessas festas com a Igreja católica. Em **Olhares Vigilantes: a Igreja disciplinando os Negros do Rosário**, a abordagem estará concentrada nos diversos espaços e práticas utilizadas pela Igreja para “disciplinar” os negros nas festas. Em **A Ordem sendo exercida por uma arte: a sanção normalizadora das festas** discutem-se as estratégias utilizadas para proibir o consumo de bebidas alcoólicas no período festivo. Já em **As artes de dar “golpes”; táticas dos Negros do Rosário**, abordam-se os jogos de golpear que envolve as trocas sociais, onde embora a ordem

seja exercida por uma arte, é burlada. Assim, analisam-se os lugares utilizados pelos negros para de forma tática e astuciosa burlar a ordem estabelecida.

Portanto, são com estes argumentos que serão discutidos os enredos das festas de São Sebastião e Nossa Senhora do Rosário em Jardim do Seridó-RN, uma festa que foi e continua sendo apropriada, praticada e vivida pelos Negros do Rosário.

### 1.1 Artes de Fazer, Artes de Narrar: a (re)invenção das festas de São Sebastião e Nossa Senhora do Rosário.

Dia 30 início da festa, com a primeira novena. Hasteamento da bandeira de São Sebastião, com a presença do povo e a Irmandade do Rosário. Os negros fazem sua estréia com rufor de suas caixas e apresentação de seus (es)pontões em homenagem a São Sebastião e Nossa Senhora do Rosário. Começa a solenidade da festa. Os negros a baterem suas caixas e dançarem pelas ruas atraindo os doutor, simples e a meninada. A rua estava em festa<sup>1</sup>.

A epígrafe supracitada consiste em uma leitura sobre as festas dos Negros do Rosário escrita por Monsenhor Ernesto da Silva Espínola no Livro de Tombo da Paróquia de Nossa Senhora da Conceição de Jardim do Seridó-RN, com o objetivo de registrar as atividades que foram realizadas durante o período do seu paroquiado. Assim, ele descreve com entusiasmo a atuação dos Negros do Rosário “com rufor de suas caixas e apresentações de seus (es)pontões” como um meio de atrair a população da cidade “os doutor, simples e a meninada” para as festividades em louvor de São Sebastião e Nossa Senhora do Rosário. Porém, esta leitura é problemática à medida que apresenta a imagem de uma festa no singular, mas será que existe “a festa”? Não seria correto afirmar festas? Além da programação oficial não há outras atividades desenvolvidas? Cada pessoa não faz a sua festa?

As festas são realizadas nos dias 30, 31 de dezembro e 1º de janeiro de cada ano, tendo como marco inaugural de suas atividades a recitação do Rosário de Nossa Senhora<sup>2</sup>, na “Casa do Rosário”, de onde parte o cortejo para a Igreja matriz de Nossa Senhora da Conceição. Lá, a Virgem do Rosário é venerada em um altar localizado na lateral do altar-mor, diante do qual

<sup>1</sup> ARQUIVO DA PAROQUIA DE NOSSA SENORA DE CONCEICÃO. **Livro de Tombo 2**: festa de São Sebastião e Nossa Senhora do Rosário. Jardim do Seridó-RN, 1989. 2 p.

<sup>2</sup> Segundo *O Minidicionário da Língua Portuguesa Aurélio Buarque de Holanda Ferreira*, rosário é “enfiada de 165 contas: 15 dezenas de ave-marias e 15 padre-nossos, para serem rezados como prática religiosa”. p. 614.



são realizados os atos litúrgicos das festas. Com suas batucadas e espontões<sup>3</sup>, os Negros do Rosário animam a procissão que marca oficialmente, juntamente com o hasteamento das bandeiras, o início das festividades em louvor a São Sebastião e Nossa Senhora do Rosário.

Os atos litúrgicos destas festas são constituídos de duas novenas<sup>4</sup> dedicadas a São Sebastião, realizadas na noite do dia 30 e 31 de dezembro, respectivamente, nas quais também se venera Nossa Senhora do Rosário. No dia 1º de janeiro, “dia da festa” em Jardim do Seridó-RN, diversas atividades são realizadas como: reunião da irmandade e escolha de novos reis, missa às 10 horas da manhã e procissão de encerramento, no período vespertino.

Todos estes momentos, contam com a presença dos Negros do Rosário, dançando com suas bandeiras e espontões ao som das caixas e dos pífaros<sup>5</sup>. Segundo o antropólogo Veríssimo de Melo, a dança do espontão é “própria da festa, pois não ouvimos semelhante noutros folguedos populares no Estado. Interessante é que não cantam nada. Tocam e dançam apenas, improvisando passos, gingando”<sup>6</sup>.

Através destas danças, os Negros do Rosário adentram o templo católico e se concentram defronte ao altar-mor. Os tambores sempre tocando, todos ao mesmo tempo, enquanto os outros negros improvisam os passos. Neste momento, o padre e os fiéis assistem ao

---

<sup>3</sup> Espontão consiste em um bastão enfeitado com fitas coloridas em sua extremidade. Espontão segundo Câmara Cascudo é a “denominação de uma dança guerreira, que acompanhava a procissão e festa de Nossa Senhora do Rosário(...) existe nos municípios de Jardim do Seridó e Caicó, no Rio Grande do Norte (...) um grupo de negros com espontões, uma lança e uma bandeira branca percorre as ruas, ao som de três tambores trovejantes (...). CASCUDO, Luís da Câmara. *Dicionário do folclore Brasileiro*. 9 ed. São Paulo: Globo, 2000. p. 21.

<sup>4</sup> De acordo com o Mini Aurélio, novena é “o espaço de nove dias, rezas feitas durante nove dias”, porém discute-se novena como sendo rezas ou veneração a um ou mais santos.

<sup>5</sup> Pífaru - Instrumento de sopro feito de madeira, taquara ou bambu. É um tipo de flautim, com furos ao longo do comprimento, também denominado pífano ou pife. CASCUDO, Luis da Câmara. Op. Cit., p. 515.

<sup>6</sup> MELO, Veríssimo de. Festa de Nossa Senhora do Rosário (dos pretos) em Jardim do Seridó. In. *Separata dos Arquivos do Instituto de Antropologia da Universidade do Rio Grande do Norte*. Natal. Vol I, nº 1, p. 7-15, março de 1964. p. 11.

espetáculo de devoção à Virgem do Rosário e esperam o chefe do grupo<sup>7</sup> levantar a voz e pronunciar as loas<sup>8</sup>:

Viva Nossa Senhora do Rosário!  
 Viva São Sebastião!  
 Viva as pessoas de bem!  
 Viva a boa sociedade, tronco, ramos e raízes!<sup>9</sup>

Após cada verso pronunciado, os demais Negros do Rosário repetem em coro: “viva!” Ao término desta “apresentação”, dá-se início a parte litúrgica, segundo os ritos católicos.

A singularidade desta festa se faz notar, principalmente, na noite do dia 31 de dezembro, pois as altezas reais e suas cortes fazem distinção, vestidos a caráter assistindo aos atos litúrgicos no presbitério do altar-mor. É neste dia que acontece a festa da coroação dos reis negros, cujo ritual acontece no exterior da Igreja e é antecedido por um encontro de dois grupos de Negros do Rosário, o da cidade de Jardim do Seridó-RN e o da comunidade Boa Vista dos Negros, localizada no município de Parelhas-RN. A imagem abaixo apresenta o momento da coroação.



FIGURA 01: COROAÇÃO DOS REIS.  
 FOTO: A.C. Junior; ano:1997.

<sup>7</sup> O chefe do grupo, também chamado de Capitão de Lança, é quem comanda todo o ritual dos Negros do Rosário.

<sup>8</sup> De acordo com Câmara Cascudo loas são “versos de louvor, louvação em versos, improvisados ou não. CASCUDO, Luis da Câmara. Op. Cit., p. 334.

<sup>9</sup> Versos pronunciados por Antonio “Capitão” após o término da missa solene da festa realizada no dia 1º de janeiro de 2006.

FONTE: Acervo particular do autor.

Depois de coroados entram no templo para participarem da novena. Nestes momentos, há uma série de rituais a serem cumpridos. Os Negros do Rosário formam um corredor com os seus espontões para a passagem da corte real, além dos anúncios da chegada, aplausos dos presentes e das saudações de vivas.

Esta sucinta narrativa produzida a partir da programação elaborada pela Igreja<sup>11</sup>, esconde outras “maneiras de fazer” a festa, pois ao lado de:

Uma produção racionalizada, expansionista, além de centralizada, barulhenta e espetacular, corresponde outra produção, qualificada de “consumo”, esta é astuciosa, e quase invisível, pois não se faz notar com produtos próprios mas nas maneiras de empregar os produtos impostos por uma ordem econômica dominante<sup>12</sup>.

Embora a Igreja católica elabore estrategicamente uma programação, cujos destaques são as missas, novenas e procissões, os “consumidores” Negros do Rosário reempregam estes lugares através de outras “maneiras de fazer” como as danças do espontão, os reinados, as loas, enfim, um sem-números de práticas que buscam reelaborar a crença católica de acordo com suas especificidades culturais, pois não são nem obedientes nem passivos. Esta reinvenção de uma festa católica, por parte dos Negros do Rosário, acontece de forma “tática” e “astuciosa”, pois não se faz notar com produtos próprios, mas nas “artes de fazer” os produtos impostos por uma instituição dominante: a Igreja católica. Para Michel de Certeau esta remodelação dos espaços católicos seria uma:

---

<sup>11</sup> Foram pesquisados os programas das festas de São Sebastião e Nossa Senhora do Rosário de Jardim do Seridó-RN, no período de 1990 a 2006, acervo pertencente ao autor. Para este recorte a programação apresenta sucinta variação, como a mudança do horário do ritual de coroação da parte da tarde para a noite. No geral a programação segue a descrição supracitada.

<sup>12</sup> CERTEAU, Michel de. Op. Cit., p. 39.

Atividade cultural dos não produtores de cultura, uma atividade não assinada, não legível, mas simbolizada, e que é a única possível a todos aqueles que no entanto pagam, comprando-os, os produtos espetáculos onde se soletra uma economia produtiva. Ela se universaliza. Essa marginalidade se tornou maioria silenciosa<sup>13</sup>.

Ao realizarem suas danças, inclusive no próprio espaço dedicado ao culto, os Negros do Rosário dão a este lugar outro caráter que não é o formal, mas que não deixa de ser católico. Neste sentido, os chamados “marginalizados” Negros do Rosário, moradores da zona rural e das periferias de Jardim do Seridó-RN, encontram nas festas de São Sebastião e Nossa Senhora do Rosário um meio de “driblar os termos dos contratos sociais”<sup>14</sup>. Assim o uso popular da religião se transforma num:

[...] canto de resistência, sem que essa metamorfose interna comprometa a sinceridade com a qual pode ser acreditada, nem a lucidez com a qual, aliás, se vêem as lutas e as desigualdades que se ocultam sob a ordem estabelecida<sup>15</sup>.

Essa busca de espaço na “ordem estabelecida” acontece no momento em que os Negros do Rosário transformam o templo católico em um lugar de “apresentação” de suas danças, dos seus batuques, dos seus reinados.

## **1.2 Tecendo histórias, imprimindo festas**

Para Alistair Thomson “o testemunho oral gera novas histórias, e a criação de novas histórias, por sua vez, pode literalmente contribuir para dar voz a experiências vividas por indivíduos e grupos que foram excluídos das narrativas históricas anteriores ou foram

---

<sup>13</sup> Idem, p. 44.

<sup>14</sup> Idem, p. 79

<sup>15</sup> Idem, p. 78-79.

marginalizados”<sup>16</sup>. Assim, falar de memória não se restringe apenas à vida e sua perpetuação através da história, mas também dos silêncios, dos não-ditos, do esquecimento:

[...] é falar também nas memórias dos excluídos, daquele que a fronteira do poder lançou à marginalidade da história, a outro tipo de esquecimento ao retirar-lhes o espaço oficial ou regular da manifestação do direito à fala e ao reconhecimento da presença social<sup>17</sup>.

Os discursos produzidos sobre os Negros do Rosário na historiografia e literatura local, geralmente tendem a uma “folclorização”, construindo a imagem de um grupo estaticizado, que realizam suas apresentações numa determinada época do ano<sup>18</sup>. Fala-se em festa, mas as histórias dos Negros do Rosário não são apresentadas discursivamente, muito menos suas vivências cotidianas. Para o historiador jardinese José Nilton de Azevedo:

Dois grupos de negros formam a irmandade, os negros da Boa Vista, sítio atualmente situado no município de Parelhas, desde a antiguidade habitado por negros [...]. O outro grupo é denominado de caçotes, apelido de família, habitantes do município de Jardim do Seridó e Ouro Branco<sup>19</sup>.

Este trecho, serve-se para perceber como são construídos os Negros do Rosário, ou seja, eles não foram silenciados pela historiografia local, mas ocupam um lugar marginal, sem nome, sem fala, sem vida, estáticos. Diferente dessas representações, Pierre Nora aponta que:

A memória é a vida sempre carregada por grupos vivos e, neste sentido, ela está em permanente evolução, aberta à dialética da lembrança e do esquecimento, inconsciente de suas deformações sucessivas vulnerável a todos os usos e manipulações, susceptível de longas latências e de repentinas revitalizações<sup>20</sup>.

<sup>16</sup> THOMSON, Alistair. Op. Cit., p. 69.

<sup>17</sup> FÉLIX, Laiva Otero. Op. Cit., p. 42. Grifos do autor.

<sup>18</sup> Geralmente as imagens construídas por historiadores, jornalistas e antropólogos, voltam-se para o tempo da longa duração e para a idéia tradicional da história, com a apresentação desta festa desde a “origem” em 1863 até os dias atuais. Estas imagens estão presentes, principalmente na *Revista Jardim do Seridó* de 1978, *O Seridoense em Revista da Festa*, 2004 e *Jornal Araçonga*, edição V de 31 de dezembro de 2005.

<sup>19</sup> AZEVEDO, José Nilton de. *Um passo a mais na história de Jardim do Seridó*. Brasília: Gráfica do Senado Federal, 1989. p. 38.

<sup>20</sup> NORA, Pierre. Op. Cit., p. 9.

Sempre em movimento, a memória é como nos diz Jacy Alves de Seixas, uma “espiral” que se inicia e se atualiza no presente e se estende por várias épocas<sup>21</sup>, fazendo surgir várias histórias-fragmento, que dão visibilidade as festas de São Sebastião e Nossa Senhora do Rosário em Jardim do Seridó-RN. Essa multiplicidade de histórias “são vozes singulares que na imensidão da realidade dispersam seus fragmentos sutis”<sup>22</sup>.

Para Jacques Le Goff “a memória, como propriedade de conservar certas informações, [...] pode atualizar impressões ou informações passadas, ou que ele representa como passadas”<sup>23</sup>. Neste sentido, entende-se memória como uma construção, onde cada sujeito busca no passado fragmentos de lembranças para explicar não só o passado, mas também o presente. Esses “homens-memória, na ocorrência narradores”<sup>24</sup>, personagens como Dona Inácia, Antônio “Capitão”, Senhor José Vieira, Senhor Amaral, e tantos outros; que embora ocupem lugar diferenciado na sociedade, e moram alguns na zona urbana e outros na zona rural, todos compartilham as mesmas experiências de devoção, nas festas de São Sebastião e Nossa Senhora do Rosário e se identificam como “irmãos”.

Através do ato de contar histórias esses personagens vão mantendo um elo comum de experiências, de identidade(s), pois a:

Nossa identidade (ou “identidades”, termo mais apropriado para indicar a natureza multifacetada e contraditória da subjetividade) é a consciência do eu que, com o passar do tempo, construímos nossa identidade através do processo de contar histórias para nós mesmos [...] ou para outras pessoas, no convívio social<sup>25</sup>.

---

<sup>21</sup> SEIXAS, Jacy Alves de. Op. Cit., p. 45.

<sup>22</sup> ANDRADE, Joel Carlos de Souza. Op. Cit., p. 133.

<sup>23</sup> LE GOFF, Jacques. Op. Cit., p. 423.

<sup>24</sup> Idem, p. 429.

<sup>25</sup> THOMSON, Alistair. Op. Cit., p.57.

Para Alistair Thomson, através do ato de narrar uma história se forja a própria identidade. Portanto, “não se pode pensar a idéia de pertença sem a sua vinculação com uma memória histórica”<sup>26</sup>. O processo de recordar envolve uma relação entre passado-presente, pois:

Experiências novas ampliam constantemente as imagens antigas e no final exigem e geram novas formas de compreensão. A memória gira em torno da relação passado-presente, e envolve um processo contínuo de reconstrução e transformação das experiências lembradas [...] que memórias escolhem para recordar e relatar (e, portanto, relembrar), e como damos sentidos a elas são coisas que mudam com o passar do tempo<sup>27</sup>.

Assim, não se pode pensar em memória como a representação exata do passado, pois ela não é estática ou fechada, mas sim, como uma representação, passível de ser repensada, reelaborada e remoldada, de acordo com as aspirações atuais. Que imagens de festas os Negros do Rosário escolhem para recordar e relatar? Como eles constroem estas (re) lembranças? Para começo de história, quem são eles?

### **1.2.1. Negros do Rosário: sujeitos e poetas**

Para Alfredo Veiga-Neto, o sujeito não é apenas um produto da história, mas também é sobretudo “uma invenção historicamente determinada. E enquanto invenção, não é um dado natural, senão que é um problema a ser examinado, problematizado”<sup>28</sup>. Partindo deste conceito, pode-se pensar os Negros do Rosário como pessoas que compartilham experiências comuns num corpo social: as festas. Porém, apesar das mesmas vivências de festas, cada sujeito constrói suas memórias a partir de suas visões particulares. Neste sentido, é fundamental conhecer as histórias

---

<sup>26</sup> ANDRADE, Joel Carlos de Souza. Op. Cit., p.141.

<sup>27</sup> THOMSON, Alistair. Op. Cit., p.57.

<sup>28</sup> VEIGA-NETO, Alfredo. Currículo e História: uma conexão radical. IN: COSTA, Marisa Vorraber (org). *O Currículo nos limiares do Contemporâneo*. Rio de Janeiro: DP&A, 1998.p.97.

de vida de cada um deles e perceber que em sua individualidade vão sendo forjadas histórias legitimadoras de suas identidades de Negros do Rosário, uma vez que em sua particularidade procura dar sentido ao que lhe acontece , assim:

É patente a idéia de que todos os sujeitos sociais, independente de quaisquer qualificativos ou características possuem histórias e fazem parte do processo histórico de seu tempo e do espaço em que se situam, constituindo, sua própria subjetividade [...]. Ora, o sujeito se constitui no mundo social e para si mesmo no tempo da vida<sup>29</sup>.

O seu modo de ver e viver devem ser postos em questão. Com isso, pode-se perceber como os sujeitos dão a si próprio uma identidade no tempo. Mas, como aponta Jorge Larrosa, o tempo vivido e construtor de memórias “não é apenas um tempo linear e abstrato, uma sucessão na qual as coisas se sucedem umas depois das outras. O tempo da consciência de si é a articulação em uma dimensão temporal daquilo que o individuo é para si mesmo”<sup>30</sup>. Portanto, busca-se nas narrativas de festas, construídas por cada “irmão” de Nossa Senhora do Rosário, não a homogeneidade, mas a singularidade das histórias de vida, pois a articulação de identidade para um determinado sujeito não deve ser a mesma para outro. Assim, as histórias contadas por Dona Inácia não são necessariamente as mesmas para seu Amaral, pois embora participem de vivências coletivas (as festas), possuem especificidade de atos e com isso, visões singulares.

Partindo desta idéia, é necessário apresentar a história de vida de alguns sujeitos que ocupam o lugar de “depositários da história”<sup>31</sup> das festas. Negros que já cansados pela idade<sup>32</sup>, se

<sup>29</sup> RESENDE, Selmo Haroldo. Abordagens Biográficas e Foucault. In: *Nehohistória*. FFLCH-USP. Nº 01. 1999. p.61.

<sup>30</sup> LARROSA, Jorge. Tecnologias do Eu e Educação. In: SILVA, Tomaz Tadeu da (org). *O Sujeito da Educação: estudos foucaultianos*. Petrópolis, Vozes, 1995. p. 69.

<sup>31</sup> LE GOFF, Jacques. Op. Cit., p. 429.

<sup>32</sup> Alguns membros da “colônia de narradores” estão na faixa etária entre 50 a 90 anos de idade. Alguns em virtude da idade, já encontram impossibilitados de participar das festas, devido a problemas de saúde, porém guardam em suas memórias histórias fantásticas.



recusam a deixar esta tradição que “veio do meu avô, pediu pra papai não deixar, e assim, a gente vai continuando”<sup>33</sup>.

Estes narradores podem ser considerados poetas, pois a arte de narrar requer uma articulação entre linguagem e os “muitos tempos da memória”, como aponta Júlio Pimentel Pinto:

Poética que se define na preparação de uma linguagem adequada à fixação dos referenciais passados e na articulação entre as muitas temporalidades de que se compõe a memória. Poética que é, na prática, um trabalho da memória: capacidade de operar discursivamente a variedade dos tempos da memória, de estabelecer o margeamento da história, de saber que para transpor o golfo mental entre passado e presente, comunicá-los convincentemente, e explorar relatos históricos com carência interpretativa, requer-se sua contínua reformulação<sup>34</sup>.

Neste sentido, a partir das falas dos sujeitos/poetas vão surgindo histórias de vidas entrelaçadas com o referencial comum de experiência: as festas.

### 1.2.2. Quando a vida pessoal se encontra com a experiência de festa.

Cada sujeito histórico constrói em sua subjetividade histórias de uma experiência maior, coletiva. As festas de São Sebastião e Nossa Senhora do Rosário constituem um “lugar de memória”<sup>35</sup> sobre a qual são tecidas diversas vivências comuns.

---

<sup>33</sup> CONCEIÇÃO, Inácia Maria da. *Memória dos Negros do Rosário*. Jardim do Seridó-RN, 28 de jan. 2005. (Entrevista Inédita). Matriarca da família “Caçote”, a Senhora Inácia nasceu em 1915, sendo filha de Antônio Francisco da Trindade e Isabel Maria da Conceição. Segundo relata, seu “avô nasceu no cativeiro”. Toda a sua família é apelidada de “Caçote” em virtude do seu avô Luís, que recebeu esta denominação do seu senhor, porque ele pulava muito nas festas dos negros, semelhante a um “caçote”: pequeno batráquio comum na fauna do Seridó. Embora tenha participado das festas em questão desde o tempo de criança, somente em 1933 foi que Dona Inácia lavrou seu nome na Irmandade do Rosário, juntamente com seu marido Ludgero José dos Santos (in memoriam). Viúva, atualmente mora com parentes em uma residência localizada no Bairro Comissão em Jardim do Seridó-RN.

<sup>34</sup> PINTO, Julio Pimentel. Op. Cit., p. 206.

<sup>35</sup> NORA, Pierre. Op. Cit.

A senhora Dona Inácia, 90 anos de idade, “irmã” da Irmandade de Nossa Senhora do Rosário, do grupo de Jardim do Seridó-RN, ocupa o lugar de “guardiã da memória”<sup>36</sup>, pois é referência constante para os demais membros do grupo, que a apontam como sendo “das mais velhas”, ou seja, como detentora de um conhecimento e de um reconhecimento acumulado graças à sua longevidade. Por isso, Dona Inácia é um referencial vivo desta festa e é respeitada pelo grupo, que a procura para escutar suas histórias. Pedindo um momento de reflexão, Dona Inácia busca no passado “fragmentos de memória”<sup>37</sup> de suas primeiras participações nas festas:

Peraí deixe eu me lembrar, em 33, que dizer, eu desde que eu nasci fui bem na Irmandade, mas pra entrar mesmo na reunião foi 33. Papai era chefe da Festa de Nossa Senhora do Rosário, aí a gente acompanhava, a gente tudinho acompanhava ele: Antônio Francisco da Trindade. Ele batia caixa e era o chefe, num sabe? Era desde os velhos dos avôs, do pai dele. A gente vinha pra festa. Papai não tinha casa aqui não, mas todo mundo dava casa pra gente passar a festa, sabe?<sup>38</sup>

Com base nesta narrativa pode-se perceber que os laços de continuidade desta “tradição”<sup>39</sup> de festa são construídos a partir de referenciais familiares como “avôs”, “papai” e “eu”, formando uma interação entre a família de Dona Inácia e as festas dos Negros do Rosário, pois “a gente tudinho acompanhava ele”. Ao afirmar que “papai não tinha casa aqui”, ela se refere a um período muito importante da sua vida: a infância; quando morava na zona rural, especificamente no sítio São Roque<sup>40</sup>: “lá era conhecido como os caçotes, nós morava lá”<sup>41</sup>.

“Os Caçotes” é a alcunha que caracteriza a família de Dona Inácia, desde o tempo do seu avô e serve também para designar o lugar onde eles moravam. Quando ainda era criança,

<sup>36</sup> LE GOFF, Jacques. Op. Cit., p. 429.

<sup>37</sup> CERTEAU, Michel. Op. Cit., p.164.

<sup>38</sup> CONCEICAO, Inácia Maria da. Op. Cit., grifos do autor.

<sup>39</sup> Esta se discutindo o conceito de tradição de Paul Zumthor, entendido não como algo fechado, estático, mas aberto e em constante movimento, indefinidade estendida, no tempo e no espaço, das manifestações variáveis de um arquétipo.Cf.: ZUMTHOR, Paul. Op. Cit., p.143.

<sup>40</sup> O Sítio São Roque está localizado no município de Ouro Branco - RN.

<sup>41</sup> CONCEICAO, Inácia Maria da. Op. Cit.

“nós vinha pra festa de pés”, fala-se de uma época de muita dificuldade, de pobreza, que se agravava ainda mais, porque “papai não tinha casa”. Esta narrativa leva a uma imagem extremamente rica de significados, permitindo diversas interpretações. Primeiro, a infância de uma menina negra, pobre; segundo, a sua vinculação a uma festa. Conclui-se desta narrativa que apesar de todas as dificuldades vividas por ela, há sempre um objetivo maior, um momento para esquecer qualquer angústia e sofrimento: a festa e a certeza de que “todo mundo dava casa pra gente passar a festa”, ou seja, ela não estava sozinha, tinha sempre uma mão estendida para ajudá-la. É o “homem ordinário” como diz Michel de Certeau, tornando-se narrador<sup>42</sup>, ou ainda, é a arte de saltar no trampolim:

Mil maneiras de jogar/desfazer o jogo do outro, ou seja, o espaço instituído por outros, caracterizam a atividade, sutil, tenaz, resistente, de grupos que, por não ter um próprio, devem desembaraçar-se em uma rede de forças e de representações estabelecida<sup>43</sup>.

Buscando alterar as regras do espaço opressor, os Negros do Rosário procuram “fazer com” as festas um espaço de divertimento, de felicidade, enfim de esquecer suas dificuldades, pois nela “ele era o chefe”. O pai de dona Inácia aparece em sua narrativa não como “qualquer um” ou “ninguém”<sup>44</sup>, mas o chefe da Irmandade, aquele que tem nome: Antônio Francisco da Trindade ou Antônio Caçote como era conhecido. Percebe-se na expressão “o chefe” uma carga de orgulho, pois naquela ocasião, ele carregava o poder de comando. Ele era ouvido em todas as decisões:

Aí o povo da Boa Vista, o finado Sebastião Agostinho era nesta época o tesoureiro, aí começou a vim os meninos da Boa Vista praqui, aí eles combinou com papai, que era Antônio Caçote que a gente chamava e Zé Caçote irmão de papai, que era os dois da caixa, se podia eles aceitar os meninos da Boa Vista

<sup>42</sup> CERTEAU, Michel de. Op. Cit., p. 59.

<sup>43</sup> Idem, p.79.

<sup>44</sup> Idem, p.60.

aqui. Aí eles disseram tá bem, tá muito bom, aí reuniu, todos os anos eles vem fazer; reuniu os daqui com os de lá. Antes de Sebastião Agostinho eles não vinham não. Numa época que nem me lembro em que ano foi, Sebastião Agostinho era o tesoureiro, aí foi que ele trouxe eles praqui. Combinado com meu pai e meu tio, era os dois, os cabeça da festa<sup>45</sup>.

Ao falar que o seu pai e seu tio são “os cabeças da festa”, Dona Inácia demonstra o poder de decisão deles, principalmente de seu pai, na festa. Esta narrativa também oferece suporte para discutir a idéia de “verdade”, pois esta “assume uma conotação diferente. Não é única, pronta, estática-oficial, mas ganha os contornos da percepção de quem narra<sup>46</sup>. Assim a “verdade” está na versão apresentada, ela é uma possibilidade de leitura histórica, mas não é única, pois co-existe ao lado de outras construções subjetivas. Enquanto para dona Inácia os negros da Boa Vista só começaram a participar das festas do Rosário a partir do período em que Sebastião Agostinho foi tesoureiro, para outros eles sempre estiveram presentes. Segundo o Senhor Zé Vieira, membro do grupo da Boa Vista, sua “avó morreu em 46 com 106 anos, já fazia essa festa, já fazia esta festa de Nossa Senhora do Rosário”<sup>47</sup>.

Diante de uma diversidade de versões, pode-se perceber em trabalhos sobre memória, a importância do ponto de vista do narrador, o seu modo de ver e viver um fato e não exigir coerência nos discursos, pois cada sujeito constrói e reconstrói suas memórias com base nas “descontinuidades, rupturas, flashes e demoras”<sup>48</sup> e não através de um processo que tem início,

---

<sup>45</sup> CONCEIÇÃO, Inácia Maria da. Op. Cit.

<sup>46</sup> RESENDE, Selmo. Op. Cit., p. 61.

<sup>47</sup> VIEIRA, José Herculano. **Memória dos Negros do Rosário**. Comunidade Boa Vista / Parelhas-RN, 30 de dez. 2005. (Entrevista Inédita). Zé Vieira nasceu em 1925, filho de José Vieira e Maria Benvinda de Jesus. Como diz o provérbio popular “nasceu e cresceu” na comunidade Boa Vista dos Negros, localizada no município de Parelhas-RN e assim como boa parte dos moradores desta comunidade, desde criança, Zé Vieira, participa das festas do Rosário em Jardim do Seridó-RN. Ele é referência na Boa Vista, sendo considerado “dos mais velhos” e portanto, um “depositário da memória”, que participou dessas festas de 1942 a 1994, ano que sofreu uma trombose, impossibilitando-o de continuar a “fazer” as festas. Atualmente reside em uma casa na própria Boa Vista, na companhia de sua esposa.

<sup>48</sup> RESENDE, Selmo Haroldo. Op. Cit., p. 60.

meio e fim. Assim, cada Negro do Rosário constrói em sua subjetividade histórias de festas. O Senhor Zé Vieira narra os seus primeiros contatos com as festas da seguinte forma:

Em 42 eu fui pra festa só como diz: pra farrar, era muito moço, fui só farrar. Em 43 também. Quando foi em 44, que negócio é esse? Sim 44, aí eu fui participar da festa toda, aí fiquei sendo juiz perpétuo, eu fui juiz daquela festa 45 anos. Outro dia eu comecei, a minha juíza, porque a juíza, eu fiquei como perpétuo, no início de, é, parece 43, ou 43 ou 44, eu não tô lembrado a data que eu fiquei como juiz perpétuo. Fiquei mais uma prima minha, ela casou; eu fiquei mais uma irmã dela, aí fui casei com a irmã dela; fiquei mais Francisca ali, minha irmã, Francisca casou; aí eu fiquei mais Beatriz, uma prima minha, mora ali em cima, fui 14 anos mais ela, aí depois a mãe dela era véia (velha), também teve problema, ela deixou, aí eu fiquei mais uma prima minha, é, Marlene, que ainda hoje, ainda ela tá, ainda hoje é juíza perpétua da festa. Aí é o seguinte: que toda a vida aqui o avoroço pra ir pra Jardim, pra ir pra Jardim foi grande, desses negros mais velhos, num sabe? Antonse (então) por esse meio eu entendi de ir e fui. Aí, quando eu cheguei lá, quando cheguei lá, lá há Mesa, na Casa do Rosário, é, adepois de amanhã vai haver a Mesa, como toda vida houve. Aí lá, seu Sebastião Agostinho, que era o tesoureiro nesse tempo aí procurou um juiz perpétuo lá, não encontrou, aí eu disse que ficava como juiz e fui 45 anos, sem perder ano<sup>49</sup>.

Nesta narrativa tem-se a história de uma vida entrelaçada com a vida de outras pessoas. Ao (re)lembrar de sua atuação pessoal quanto foi juiz da Irmandade de Nossa Senhora do Rosário de Jardim do Seridó-RN, o senhor Zé Vieira utiliza-se de muitos tempos, do tempo que era “moço” e que ia pra festa só “farrar”, do tempo que se tornou juiz perpétuo, do tempo que permaneceu mais uma determinada juíza, do tempo que esta juíza deixou a festa, do tempo dos negros mais velhos, enfim dos “muitos tempos da memória”<sup>50</sup>.

Pode-se perceber nesta narrativa que foi através dos relatos “desses negros mais velhos” que as tradições foram sendo forjadas. Eles, os mais velhos, tornaram-se espelhos-vivos para os seus sucessores. Seu Zé Vieira participou pela primeira vez da festa em 1944 com apenas 19 anos de idade e logo se tornou juiz perpétuo da Irmandade, cuja escolha é realizada numa

<sup>49</sup> VIEIRA, José Herculano. Op. Cit.

<sup>50</sup> PINTO, Júlio Pimentel. Op. Cit.

reunião<sup>51</sup> constituída por toda a corte da Irmandade de São Sebastião e Nossa Senhora do Rosário. Ele participou daquelas festas até o ano de 1994, ano em que foi acometido por uma trombose, deixando-o impossibilitado de participar das festas. Na foto 02, o Senhor Zé Vieira:

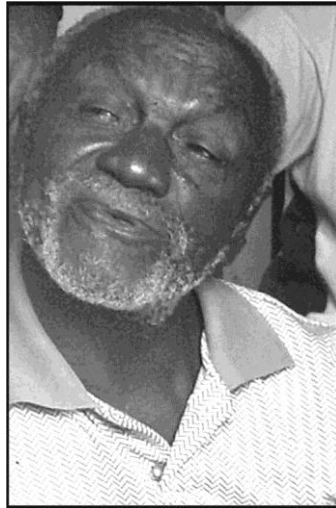


FIGURA 02: O SENHOR ZÉ VIEIRA.  
FOTO: Nilson Imagens; ano 2005.  
FONTE: Acervo particular do autor.

Nesta foto o senhor Zé Vieira se apresenta no momento da entrevista como “depositário da memória”; ele se constrói como um narrador/pensador, conforme pode ser percebido em sua expressão facial<sup>52</sup>.

Ao relatar o tempo “quando ia pra festa só farrar”, Seu Zé Vieira referia a época das paqueras, das primeiras namoradas, enfim, das festas profanas. As festas eram religiosas, porém para grande parte das pessoas, principalmente os mais jovens, as farras e as diversões estavam em primeiro plano.

<sup>51</sup> A reunião da Irmandade é também chamada de Mesa.

<sup>52</sup> Como sugere Paiva a fotografia é um recurso fundamental no trabalho do historiador, porém requer cuidados especiais, pois “a imagem não se esgota em si mesma. Isto é, há sempre muito mais a ser aprendido, além daquilo que é, nela, dado a ler ou ver”. PAIVA, Eduardo França. *História & Imagens*. Belo Horizonte: Autêntica, 2002. p. 19. Neste sentido, a imagem retratada deve ser analisada, na perspectiva de ser decifrados os silêncios e lacunas que estão além da dimensão visível.

A materialização do passado do senhor Zé Vieira em sua narrativa é composta na tensão entre o individual e o coletivo, pois “a memória é dotada de uma flexibilidade que permite a combinação entre indivíduo e coletivo: sempre pessoal e sempre apoiada em referenciais coletivos, repertórios a serem individualmente apropriados e seletivamente repostos”<sup>52</sup>. Portanto, a memória é um processo em permanente mutação, e nestas recordações vão sendo registradas marcas do passado com desejos atuais. Neste âmbito, Zé Vieira observa as festas dos dias de hoje, sempre comparando com as do passado, conforme a narrativa seguinte:

Aí rapaz, eu não sei não, porque você sabe hoje a vaidade é grande, aí lá, é, lá em Jardim [...] mas tem muita gente aqui, aqui tem um bocado desses meninos pequenos que tá, tão começando agora, eles tão com força de vontade, mode continuar, mode continuar. É eu sempre dizendo, vocês vão crescendo, os mais velhos vão ficando, vão morrendo e vocês vão ficando e a festa de Nossa Senhora do Rosário, vocês vão botando pra frente. Hoje todo mundo é, a festa é apoiada por todo mundo, todo mundo, gente de Jardim, gente lá de fora, aí é uma tradição velha ninguém pode abandonar. Quando a gente nasceu, aí já tinha essa festa, num sabe? Aí esses mais velhos que tudo já acabou, já morreu, já fazia essa festa. E então o seguinte, a gente foi nascendo, crescendo, aí a gente continuou. Continuou do mesmo jeito, aí é primeiro o camarada ia pra experimentar, aí chegava lá, achava muito bom, passava três dias de festa, achava muito bom, aí ficava pedindo a Deus que chegasse o próximo ano, pra [risos] se deslocar de novo. Enquanto mais, quanto mais a gente ia, quando terminava o ano, a gente tava tudo doido que chegasse o outro ano mode ir novamente. Era [risos] Ave-Maria, a gente ficava doido que chegasse o outro ano pra gente ir pra festa, tão bom a gente achava, não só eu, como todos achavam<sup>53</sup>.

Enquanto hoje todo mundo apóia as festas, no passado certamente, havia muitas dificuldades. Assim passado-presente se entrelaçam em sua narrativa. Além disso, seu Zé Vieira se constrói como um depositário da memória: “narradores que contam fragmentos de experiências passadas, tentando reativar nos mais jovens o desejo da aprendizagem da narrativa e

---

<sup>52</sup> PINTO, Júlio Pimentel. Op. Cit., p. 207.

<sup>53</sup> VIEIRA, José Herculano. Op. Cit.

a valorização do passado comum do grupo”<sup>54</sup>. Este é o lugar ocupado por Zé Vieira na comunidade Boa Vista dos Negros: o de narrador.

Já o senhor Amaral, chefe da Irmandade do grupo da Boa Vista, formaliza o seu contato com as festas de Jardim do Seridó-RN a partir de referenciais familiares, como se pode ver:

O primeiro ano que eu vim aqui, eu já participava, mas depois de 51 foi que eu comecei a vim pessa festa, aí tomei gosto, tô até hoje, até a data de hoje, até a data de hoje, faz 54 anos, né? Foi por intermédio do meu pai, num sabe? meu pai fazia parte dessa festa aqui, aí nós nesse tempo era tudo jovem, pequeno, aí nós vinha pra festa aqui. Aí se conscientizemos, aí ficamos aqui. Primeiro, em 51 eu vim saltar, quando foi em 52 fui bater caixa, bater caixa, num sabe? aí em 53 pra cá fui rei fui juiz do ano, rei do ano e juiz do ano. Aí era um ano rei do ano no outro ano juiz. Aí só da Boa Vista, num sabe? Aí depois o pessoal daqui, nós fizemos uma reunião, sobre os negros daqui e os de Boa Vista, aí ficou um ano pra cada um lado, sabe? Um ano praqui Jardim e um outro da Boa Vista. Hoje, até hoje tá sendo isto aí. Eu sou o chefe da Irmandade. Hoje passou pra chefe da Irmandade, chefe da negrada. Qualquer coisa o pessoal procura a mim, é minha função. Eu bato também, quando dá tempo eu bato na caixa, mas quando eu chego aqui, o pessoal fica me chamando, Amaral praqui, Amaral prali, não presta pra bater, mas eu sou batedor também<sup>55</sup>.

Na narrativa do senhor Amaral ganham visibilidades os diversos lugares ocupados por este sujeito na hierarquia da Irmandade de Nossa Senhora do Rosário. Como iniciante “em 51 eu vim saltar”, isto é, primeiro os jovens participam do grupo dos Negros do Rosário como “saltador”<sup>56</sup>, “em 52 fui bater caixa”, membro do grupo responsável pela musicalidade das festas, constituído por caixa, também chamado de tambor e pífaro. Além disso, de “53 pra cá fui rei, fui juiz”, ou seja, seu Amaral chegou a ocupar os cargos centrais da corte dos Negros do Rosário<sup>57</sup>.

<sup>54</sup> ANDRADE, Joel Carlos de Souza. Op. Cit., p. 140.

<sup>55</sup> AMARAL, José Fernandes do. *Memória dos Negros do Rosário*. Jardim do Seridó-RN. 31 de dez. 2005. (Entrevista Inédita). O Senhor Amaral nasceu em 1936, sendo filho de João Fernandes da Cruz e Severina Maria da Conceição. Entrou para a Irmandade em 1951 e atualmente exerce o cargo de Chefe da Irmandade. É casado com Francisca Vieira, conhecida como Chica Vieira, e teve 6 filhos.

<sup>56</sup> Para os Negros do Rosário saltar, pular, brincar ou fazer linha, significa participar da dança do espontão.

<sup>57</sup> A chamada “corte dos negros do Rosário” é formada pelos rei e rainha perpétuos, rei e rainha do ano, juiz e juíza perpétua, juiz e juíza do ano, escrivão e escrivã, presidente e presidenta e guardas de honra.



Atualmente, ele divide o tempo das festas entre as atividades de bater caixa e chefiar o grupo, conforme suas palavras “à negrada”. Nesse sentido, todos os assuntos referentes às festas, recai sobre sua responsabilidade. O senhor Antônio “Capitão”, do grupo de Jardim do Seridó-RN, narrou a atuação de seu Amaral no período festivo:

[...] primeiramente também nós temos que conversar com Amaral, porque ele é o responsável mais pela aquela casa ali, que realmente é mais pra eles do que pra gente. Eu creio que sim, porque nós temos cada um, cada um temos nossa casa e ali tudo, ali é eles que ficam ali perante a festa, tudo ali é com eles, então o que a gente quiser na casa do Rosário a gente tem também que comunicar a Amaral. Amaral é o líder daqui da Boa Vista, é o chefe, quem comanda tudo, o que ele disser tá dito. Porque veja o seguinte, ali ninguém pode passar, como diz o ditado, passar os pés pelas mãos, porque ali cada cá tem sua ordem, porque quando Amaral não pode, não está ali, mas tem o capitão que fazem as mesmas ordens dele, o que ele disser ali tá dito. Se ele disser assim, vamos se embora, todo mundo vai, não tem esse negócio de ficar um não, vai todos<sup>58</sup>.

A expressão “o que ele disser tá dito” representa o poder de comando do senhor Amaral como chefe da Irmandade no período das festas. Este poder vai sendo forjado a partir do momento em que outras pessoas o reconhece, como é o caso do senhor Antônio “Capitão” ao afirmar que “cada cá tem sua ordem”, ou seja, cada pessoa ocupa um lugar social nas festas, seja como saltador, batedor de caixa, rei, juiz, escrivão, presidente, capitão ou chefe. Estes lugares servem de referências para cada sujeito construir suas memórias.

O atual chefe da Irmandade do Rosário do grupo de Jardim do Seridó-RN, o senhor Antônio “Capitão”, utiliza-se destes lugares para (re)lembrar a sua “entrada” nas festas:

[...] eu entrei na Irmandade como pulante, depois fui lanceiro, depois fui bater bombo, de bombo passei para caixa, de caixa me escolheram para capitão, porque tudo da Irmandade eu resolvia, eu resolvia os problemas. Ludgero nesta época era o chefe, então ele antes de morrer passou o cargo para eu ser o chefe

---

<sup>58</sup> SANTOS, Antônio José dos. *Memória dos Negros do Rosário*. Jardim do Seridó-RN. 26 de jan. 2005. (Entrevista Inédita). Grifos do autor. Também chamado de Antônio “Capitão”, em virtude de exercer o cargo de Capitão de Lança, na Irmandade do Rosário, do grupo de Jardim do Seridó-RN. Nasceu em 1960 e entrou para os Negros do Rosário aos 12 anos de idade, como pulante, depois foi lanceiro, batedor de caixa e finalmente capitão. Atualmente reside em uma casa, localizada no Bairro Comissão em Jardim do Seridó-RN.

da irmandade, porque o capitão da irmandade era para comandar aquela turma na frente e resolver os problemas de cada um, de cada uma daquelas pessoas, de cada um; por criança, as pessoas, eu boto as pessoas, se caso não der certo eu tiro, eu quem faço as apresentações das danças, eu crio as apresentações e faço. E de capitão, e de chefe realmente é combater algumas coisas que é de ser da irmandade, juntamente com a coordenadora [...] <sup>59</sup>.

Além dos lugares ocupados por ele, a narrativa supracitada, chama a atenção para a questão da construção de uma tradição. A partir do fragmento “ele antes de morrer passou o cargo para eu ser o chefe”, denota a preocupação de ser uma prática legitimada por um sujeito anterior, o senhor Ludgero. Através da sucessão os mais velhos vão passando para os jovens não apenas os cargos, mas também o saber. Assim, como aponta Veiga-Neto existe uma diferenciação entre poder e saber:

O poder se dá numa relação ‘flutuante’, isto é, não se ancora numa instituição, não se apóia em nada fora de si mesmo, a não ser no próprio diagrama estabelecido pela relação diferencial de forças, por isso, o poder é fugaz, evanescente, singular, pontual. O saber, bem ao contrário se estabelece e se sustenta nas matérias/conteúdos e se sustenta em elementos formais que lhe são exteriores: luz e linguagem, olhar e fala; por isso o saber é apreensível, ensinável, domesticável, volumoso <sup>60</sup>.

Desse modo, o poder é pulverizado, rarefeito, descentrado, ou seja, não é compreendido como algo que brote de um lugar específico, como alguma coisa que tenha uma natureza própria, localizada. Assim, buscam-se as sujeições nas relações sociais. Já o saber é um acontecimento articulado ao poder e é visto como uma construção histórica, produz suas verdades e seus regimes, que vão se instaurar e se revelar em práticas discursivas e não discursivas no seu produto concreto: nos sujeitos <sup>61</sup>.

Partindo dessa discussão, pode-se perceber que cada sujeito constrói suas memórias no corpo social no qual está inserido, no caso, as festas de São Sebastião e Nossa Senhora do

<sup>59</sup> SANTOS, Antônio José dos. Op. Cit., Grifos nossos.

<sup>60</sup> VEIGA-NETO, Alfredo (Org.). *Crítica pós-estruturalista e educação*. Porto Alegre: Sulina, 1995, p. 34.

<sup>61</sup> RESENDE, Selmo Haroldo. Op. Cit., p. 65.

Rosário em Jardim do Seridó-RN, pois ele é livre para construir suas narrativas singulares, seus textos específicos, sem as conformações normativas preconcebidas que rotulam, disciplinam e controlam<sup>62</sup> sua expressividade. Por isso, vão surgindo diversas vozes poéticas construtoras de festas, segundo a riqueza e a sutileza da memória de cada um<sup>63</sup>.

### 1.2.3 Vozes poéticas construindo festas

As memórias de festas são singulares, únicas para cada sujeito; embora sejam construídas sobre bases coletivas. Neste sentido, coletivamente elas são fontes de saber, para o indivíduo, aptidão de esgotá-la e enriquecê-la. Dessas duas maneiras, a voz poética é memória<sup>64</sup>. Mas como articular um discurso poético num discurso coletivo? Para Paul Zumthor esse alcance é a eficácia social do dizer poético, enquanto estiver presente no seio da coletividade reunida<sup>65</sup> e acontece no momento da performance do intérprete, pois:

Sua memória descansa sobre uma espécie de memória popular que não se refere a uma coleção de lembranças folclóricas, mas que sem cessar, ajusta, transforma e recria. O discurso poético se integra por aí no discurso coletivo, o qual ele clareia e magnifica<sup>66</sup>.

Assim, mesmo um discurso construído a partir de um arquétipo<sup>67</sup>, ele apresenta variações, uma vez que, pra além do espaço-tempo de cada texto, desenvolve-se outro que o engloba e no bojo do qual ele gravita com outros textos e outros espaços-tempos; movimento perpétuo feito de colisões, de interferências, de transformações, de trocas e de rupturas<sup>68</sup>. Para se

---

<sup>62</sup> RESENDE, Selmo Haroldo. Op. Cit., p. 66.

<sup>63</sup> ZUMTHOR, Paul. Op. Cit., p. 146

<sup>64</sup> Idem, p. 139.

<sup>65</sup> Idem, p. 156.

<sup>66</sup> Idem, p. 142.

<sup>67</sup> Idem, p. 145.

<sup>68</sup> Idem, p. 150.

entender este relé das linhas semelhantes de um texto a outro, duas narrativas dos Negros do Rosário aparecem como fundamental: a “origem” da devoção a Nossa Senhora do Rosário contada pelo Senhor Amaral do grupo da Boa Vista, e por Dona Inácia, de Jardim do Seridó-RN, respectivamente:

Como o pessoá diz, ela vivia lá num mato, lá numa ilha, num sabe? aí acharam num tronco, aí pegaram, trouxeram ela pra cá, aí quando foi no outro dia ela voltou pra lá sem ninguém levar [...] porque essa santa tava com nós aqui, vinha trazer pra cá, aí ela voltava pra lá, aí quando foi pra ficar permanente [permanente], assim a história diz, eu num sei muito bem, aí levaram, aí vamos fazer a festa, aí foram, os negros foram pra lá, trouxeram ela debaixo da procissão, a batucada, começou a batucada. Trouxeram ela praqui, aí ela ficou, ela ficou, num voltou mais[...]<sup>69</sup>

[...] meu avô falava que ela apareceu numa serra, aí foram buscar com música [música], chegava butava, aí ela voltava pra traz, pra o mesmo lugar. Depois foram buscar as caixinhas, essas caixinhas, os tambor com os seus espontão, aí foram buscar aí trouxeram ela ficou, aí ficou chamando ela de Nossa Senhora do Rosário; foram os negros que vieram que foram buscar<sup>70</sup>.

As narrativas supracitadas representam um arquétipo em contínua criação, pois a voz do recitante, no momento da performance, o atualiza por um momento. Essa “movência” do texto está relacionada a flexibilidade e a liberdade das transmissões vocais<sup>71</sup>. Nelas se encontram dados semelhantes como a busca de outros sujeitos pra legitimar suas falas: “o pessoal diz”, “meu avô falava” e de uma santa católica que “ficou” após ser cultuada pelos negros, porém por ser “palavra viva” estas narrativas vão sendo repensadas e reescritas na memória a partir de efeitos da realidade no cotidiano e se constitui:

As vozes cotidianas [que] dispersam as palavras no leito do tempo, ali esmigalham o real; a voz poética os reúne num instante único – o da performance -, tão cedo desvanecido que se cala; ao menos, produz-se essa maravilha de uma presença fugidia, mas total<sup>72</sup>.

<sup>69</sup> AMARAL, José Fernandes do. Op. Cit. Grifos do autor.

<sup>70</sup> CONCEICAO, Inácia Maria da. Op. Cit. Grifos do autor.

<sup>71</sup> ZUMTHOR, Paul. Op. Cit., p. 144.

<sup>72</sup> Idem, p. 139.

As narrativas citadas anteriormente apresentam lugares diferentes para o aparecimento da Virgem do Rosário. O senhor Amaral diz que ela surgiu num “mato”, numa “ilha” e num “tronco”, enquanto que Dona Inácia focaliza tal aparição “numa serra”. Essas poesias (narrativas) aparecem para seus autores, intérpretes e consumidores, como um vasto concerto de sonoridades agradáveis, harmoniosas ou discordantes, um jogo vocal que recobre o ruído comum da vida e que se eleva, reflui e retoma<sup>73</sup>. Assim, tanto o “tronco” como a “serra” são elementos presentes no cotidiano dos seus intérpretes.

Por ser móvel, a voz poética, inspirada pela memória, re-escreve e re-organiza os sentimentos vividos às formas experimentadas a partir da invenção criadora. Dessa forma, cada sujeito constrói suas memórias, seus próprios textos de festas, de acordo com suas vivências passadas. As festas, ou suas lembranças não são únicas para os Negros do Rosário. Assim, para Dona Inácia, as “velhas” festas dos negros, aconteciam da seguinte forma:

Ali eles tiravam pra passar o dia batendo, aqueles três dias batendo caixa e tirava aquele dinheiro. Aí no dia da festa saía um com a coroa e tirava uma esmola pra Nossa Senhora do Rosário, num sabe? Como agora ainda tá sendo, aí pronto era assim, só não tinha essa história de música [música]. Aí depois a gente ia pra casa de Doutor Paulo, depois da missa de onze horas, de dez, neste tempo era de onze, hoje em dia é dez. A gente ia pra Doutor Paulo; e no dia do encontramento, do encontro da rainha, a gente vinha pra igreja de três horas, aí havia a coroação, a gente subia pra casa de Monsenhor Ernesto. Lá ele dava um, umas coisas, fazia, dava um lanche, dava uns negócios a eles. Eles batiam caixas lá um pedaço, a gente voltava pra trás, ia tudo deixar na casa do Rosário; cada cá vinha pra suas casas. Aí adepois começaram a butar dança de rua, aí pronto, já foi remudelandando o encontro dos negros, mas o primeiro, de primeiro só era assim, como eu tava dizendo<sup>74</sup>.

A história contada por Dona Inácia gira em torno da performance de coroação dos reis, isto denota o lugar ocupado por esta senhora nas festas. Dona Inácia foi eleita rainha

<sup>73</sup> ZUMTHOR, Paul. Op. Cit., p. 146.

<sup>74</sup> CONCEICAO, Inácia Maria da. Op. Cit. Grifos do autor.

perpétua em 1933 e este fato é um marco em sua memória, de forma que suas lembranças sobre as festas dos negros é contada a partir deste fragmento. Além disso, sua narrativa é marcada também pelo passar “três dias batendo caixa”, uma alusão ao lugar social do seu pai Antônio Caçote, como chefe da festa e responsável pela “dança do espontão”.

A narrativa de Dona Inácia sobre as festas dos negros também chama a atenção por esta tradição ser uma prática legitimada por membros da chamada “elite”. Assim, a apresentação de sujeitos como “Doutor Paulo” e “Monsenhor Ernesto” consiste em ressaltar que estas festas são apoiadas pela “elite”, que embora não estejam presentes, assistindo ao ritual de coroação dos negros, preparam “um lanche”, enfim, incentivam as festas. Portanto, para Dona Inácia, os momentos principais dessas festas são “bater caixa três dias”, “a coroação” e os encontros nas casas da “elite jardinense”.

Já para o senhor Zé Vieira, as festas eram boas e tinham outras características:

As coisas mais bonita que há naquela festa é a alvorada. No meu tempo a gente, os negros mais velhos daqui, quando era quatro e meia se levantava todo mundo da casa do Rosário. Ali pegava aquelas caixas, aqueles tambor, pegava e ia lá pro paltamar da igreja. Quando soltava o foguetão das 5 horas, aí tocava caixa, tocava música, tocava tudo, tudo. Às vezes esses mais velhos daqui, parece que já morreu quase tudo, aí eles chegava na casa do Rosário às 7 horas, pra tomar café, tomar banho. Agora hoje não tá assim, não tá sendo assim, eu não sei se esse ano vai ser, mas não tá mais sendo assim. Alvorada não tem mais, porque os saltador são tudo novo, aí vai pras bandas, aí quando chega de quatro e meia, cinco horas da madrugada, é, da manhã, aí não dá mais tempo ir pra igreja<sup>75</sup>.

Nesta narrativa são apresentadas duas imagens de festas. A festa do “meu tempo” cujo destaque era a alvorada das 5 horas da manhã e a festa “hoje” que nem “alvorada não tem mais”. A partir desta narrativa percebe-se que para Zé Vieira o passado é visto de forma maravilhosa, diferente do presente desafiador ou destruidor das coisas boas do passado, pois o

---

<sup>75</sup> VIEIRA, José Herculano. Op. Cit. Grifos do autor.

presente com suas novas atrações como as “bandas” de forró, fazem com que as alvoradas do passado deixem de existir.

De acordo com cada sujeito, vão sendo (re)vividos outros fragmentos de festas. O senhor Antônio “Capitão” apresenta as suas:

Antigamente essa festa, quando começou aqui em Jardim, as pessoas usavam chapéu de massa, chapéu de massa, chinelo daque[...], chinelo de sola nos pés e eu me lembro muito quando comecei a brincar, era aquele chinelão e usava chapéu de massa. As caixas, a caixa era amarrada de corda, a gente arrocava ela com sola<sup>76</sup>.

Antônio “Capitão” (re)vive os tempos a partir de quando começou a participar das festas dos Negros do Rosário, tendo como suporte a sua experiência como bater de caixa, as “velhas” caixas presas por cordas. Ele também cita algumas mudanças como o uso de chapéus de massa e chinelos de sola, adereços atualmente inexistentes.

Assim, vão tecendo histórias vistas de formas diferentes, particulares, de acordo com sua história de vida. Isso é importante para se compreender como se dá a apropriação da tradição de festas por parte de cada negro, que forma a Irmandade de São Sebastião e Nossa Senhora do Rosário em Jardim do Seridó-RN. De acordo com o “lugar social” de cada sujeito, vão surgindo imagens múltiplas de festas; nesta ótica, os negros do grupo de Boa Vista tecem “festas” a partir dos acontecimentos das viagens até a cidade onde são realizadas as festas. Estas viagens são transformadas em festas.

#### **1.2.4. Das viagens à festa: as festas das viagens**

---

<sup>76</sup> SANTOS, Antônio José dos. Op. Cit.

Os moradores da comunidade rural Boa Vista dos Negros<sup>77</sup> são presença marcante nas festas do Rosário de Jardim do Seridó-RN e, juntamente com famílias negras desta cidade, dividem as posições de rei, rainha, juiz, juíza e compõem igualmente o grupo de pífanos, tambores e saltadores<sup>78</sup>. Dentre as memórias de festas dos membros deste grupo, estão as viagens feitas até a cidade. Para seu Zé Vieira as festas do Rosário são (re)vividas a partir dos preparativos:

A gente ia pra feira aqui, agora se faltasse 8 dias pra a gente ir pra festa, a gente comprava um quilo de feijão na feira e esse feijão não comia, agente deixava pra lá, comer lá. Galinha, galinha a gente levava, teve ano aqui que matava é, de hoje pra manhã, matava 16 galinhas. Todo mundo levava galinha pra mode almoçar e jantar, nera<sup>79</sup>?

Após esse momento de preparação dos alimentos, que iam ser consumidos nos três dias de festa, aguardava-se o dia 29 de dezembro, isto é, um dia antes do começo das festas, para dar início à viagem até a cidade de Jardim do Seridó-RN:

Antigamente, a gente se deslocava aqui da Boa Vista, a gente ia de pés, saía ontem que é dia 29 de pés. Aquilo ali nós levava, os mais velhos daqui que era tio Martim... é Manuelzinho... levava, isso era de pés ou a cavalo, e nós moços ia tudo correndo por aí, nós chegava lá, as vezes o galo cantando, um bocado de moço, bocado de rapaz, não tinha dificuldade pra gente. Daqui pra Jardim é muito longe, mas a gente não achava longe, era mesmo que ser ali. Era, porque tudo com uma namorada, né? Tudo com uma namorada, tudo novo. Era uma brincadeira ir pra Jardim de pés, muita gente, é, muito mesmo. Os mais velhos com as caixinhas, aquela caixa do Rosário, outros mais velhos montado num jumento, com a carga de lenha, com a carga de capim, e era pra gente, pra mim, pra todo mundo, era uma farra. Eu alcancei, eu alcancei de sair daqui pra Jardim, ajuntava mais um bocado de gente aqui, saía essa hora pra Jardim, ajuntava mais um bocado de gente aqui, saía essa hora pra Jardim [a entrevista foi gravada às 14 horas]. Depois que a gente chegava lá, sabe como era? Ia preparar comer pra comer, farrar. Na ida a gente, quando a gente, esses mais velhos que fumava,

<sup>77</sup> A comunidade Boa Vista dos negros se localiza no município de Parelhas.

<sup>78</sup> CRUZ, Maria do Socorro Fernandes da. *A Comunidade Rural de Boa Vista dos Negros: territorialidade, identidade étnica e invisibilidade social de um povo quilombola*. 2004. 68 p. Monografia (graduação em História). Universidade Federal do Rio Grande do Norte. Caicó, 2004.

<sup>79</sup> VIEIRA, José Herculano. Op. Cit.



chegava num canto, fazia um fogo, e ali passava um pedacinho e só era caminhar [risos] de pés, de pés. Eu ainda hoje sinto saudade daquele tempo<sup>80</sup>.

Seu Zé Vieira lembra das festas passadas de forma saudosista, onde as distâncias geográficas entre a Boa Vista e Jardim do Seridó-RN não se mostrava como um obstáculo, mas como momentos de descontração, de namorar, de fumar e de farrar, era uma festa.

O Senhor Amaral também alcançou o tempo de deslocar a pé para Jardim e complementa a narrativa de Zé Vieira

Nós saía de lá bem de manhãzinha, não de tardezinha, passava a noite todinha andando. Aí se perdia aí nesses matos, aí se perdia nessas matas, aí se perdia, não tinha estrada, né? Descia, não tinha estrada, era vareda. Aí os negros, os negros mais velhos saía na vareda, aí errava, se perdia, vinha chegar aqui de manhã. Aqui muitas vezes eu chegava de madrugada, os galos cantando, era que nem alvorada. Errava os caminhos, né? Andando nesses matos, nessas matas, antigamente era só mato, pegava as várzeas do gado, as várzeas onde o gado andava, aí pegava, errava, né? se perdia, saía noutra, aí era duro rapaz, era duro, mas animado, todo mundo vinha com rancor, sabe? com vontade de chegar e participar da festa<sup>81</sup>.

Para seu Amaral no tempo em que se deslocava a pé para participar da festa “era duro, mas animado”, referência para se pensar nos dilemas da memória, onde o passado embora marcado pelas dificuldades de passar “a noite todinha andando”, de se perder “aí nesses matos” que nem estradas tinha “era varedas”, os moradores da Boa Vista “vinha com rancor”, isto é com força de vontade. Nestes “tempos antigos” como eles se referem, as dificuldades aumentavam porque era necessário trazer todo um aparato doméstico para ser utilizado nos três dias de festas:

Olhe, é meio complicado pra mim porque eu sou dos novos, agora era bom se tivesse um velho [risos] é, eu sou novo, porque essa festa de Nossa Senhora do Rosário foi fundada em 1863, e eu não conto, não conto de 1863, eu só conto mais do meu tempo pra cá. Do meu tempo pra cá, de 1950, que foi o ano que eu

<sup>80</sup> VIEIRA, José Herculano. Op. Cit. Grifos do autor.

<sup>81</sup> AMARAL, José Fernandes do. Op. Cit.

nasci, vim praqui, era muito jovem, nós vinha, trazia tudo na cabeça, tudo nós trazia na cabeça, nós trazia tudo. Nós trazia na cabeça comida, a roupa, a ração dos... vinha uns jumentos aqui, tudo a gente trazia na cabeça praqui. Quando nós chegava aqui, não tinha ajuda de ninguém. Aqui não tinha ajuda não, nós chegava aqui, nessa casa aqui, às vezes de madrugada, às vezes à meia noite. Nós pegava, nós pegava água no rio, trazia lata, lata d'água, carregava água do rio praqui, era ajuntava aqui, neste poste ali. Agora não, hoje tá tudo modificado, hoje nós chegamos tinha nata, tinha a comida; que antigamente a gente chegava aqui tinha que ir comprar, entendeu? Nós tinha que comprar a comida pra nós comer e a água tinha que pegar no rio, encher os pote tudinho aí, pra nós tomar banho e pra lavar e pra cozinhar. Hoje não, hoje tá tudo modificado, tá uma alegria pra gente<sup>82</sup>.

A carga simbólica encontrada nesta narrativa ajuda a compreender o cotidiano das festas dos Negros do Rosário. São histórias que foram silenciadas pela historiografia local, mas que vem ressurgir a partir do relembrar as festas de “antigamente”.

Embora a “viagem” da Boa Vista para Jardim fosse animada, conforme as narrativas anteriores, o caminho “de volta” não é (re)vivido com os mesmos encantos. O senhor Zé Vieira relata porque:

[...]a gente ia no dia 29, aí passava a noite, chegava lá de noite no dia 29, aí passava o dia 30, passava o 1º. Aí no dia 1º de noite, a gente vinha de pés, a gente saía depois da festa. A gente voltava de pés de lá pra cá [risos]. Aí tinha vez que chegava aqui de manhã. Era [risos] de lá pra cá, aí tudo já ressacado, com sono, mas a gente vinha. Só que a farra no caminho não era muito não, porque o camarada tava ressacado [risos] três dias sem dormir em Jardim, porque tando em Jardim ninguém dormia não. Três noite, mas a gente vinha<sup>83</sup>.

Tinha que “voltar”, porque as festas haviam terminado e era o momento de retomar o ritmo da vida na comunidade.

Perante estas lembranças (re)vividas, pode-se concluir que estas narrativas são, como afirma Michel de Certeau, a possibilidade de representar as trajetórias táticas que, segundo

---

<sup>82</sup> AMARAL, José Fernandes do. *Op. Cit.*

<sup>83</sup> VIEIRA, José Herculano. *Op. Cit.*

critérios próprios, selecionam fragmentos tomados nos vastos conjuntos da produção para a partir deles compor histórias originais<sup>84</sup>.

---

<sup>84</sup> CERTEAU, Michel de. Op. Cit., p. 98.

## 2.1 Olhares Vigilantes: a Igreja disciplinando os Negros do Rosário

O poder disciplinar é com efeito um poder que, em vez de se apropriar e retirar, tem como função maior “adestrar”; ou sem dúvida adestrar para retirar e se apropriar ainda mais e melhor<sup>2</sup>. Michel Foucault.

Uma sociedade seria composta de certas práticas exorbitadas, organizadoras de suas instituições normativas, e de outras práticas, sem número, que ficaram como “menores”, sempre no entanto presentes<sup>3</sup>. Michel de Certeau.

As epígrafes não são escolhidas por acaso, a intenção delas é a de nortear ou sintetizar a discussão de um trabalho. Neste capítulo, os olhares se voltam para as festas de São Sebastião e Nossa Senhora do Rosário”, conhecida popularmente como “festa dos Negros do Rosário” ou tão somente “festa dos negros”, especificamente para as “instituições normativas”, que no caso particular deste objeto, seria a Igreja Católica de Jardim do Seridó-RN. Esta utiliza-se de “estratégias” para organizar as festas. Segundo Michel de Certeau:

As estratégias são portanto ações que, graças ao postulado de um lugar de poder (a propriedade de um próprio), elaboram lugares teóricos (sistemas e discursos totalizantes), capazes de articular um conjunto de lugares físicos onde as forças se distribuem. Elas combinam esses três tipos de lugar e visam dominá-los uns pelos outros. Privilegiam portanto as relações espaciais<sup>4</sup>.

As festas dos negros acontecem em espaço católico: a Igreja Matriz de Nossa Senhora da Conceição. Por ser proprietária de “um próprio”, a Igreja enquanto instituição distribui lugares a serem “consumidos”, como a veneração das imagens de São Sebastião e Nossa Senhora do Rosário, os rituais litúrgicos, enfim, toda uma programação estrategicamente elaborada. Por ser detentora de “um lugar de poder” a Igreja procura dominar os Negros do Rosário, controlando o seu comportamento durante o período festivo, através da observação, avaliação, repressão e punição, cujo objetivo é a transformação e extinção de práticas consideradas profanas.

<sup>2</sup> FOUCAULT, Michel. *Vigiar e Punir: nascimento da prisão*. Petrópolis: Vozes, 1987, p.153.

<sup>3</sup> CERTEAU, Michel de. *A Invenção do Cotidiano: artes de fazer*. Petrópolis: Vozes, 2001, p.115.

<sup>4</sup> Idem, p.102.

Monsenhor Ernesto da Silva Espínola, que foi pároco de Jardim do Seridó-RN de 1958 a 2000, analisando as festas, afirmou:

[...] agora, muitas vezes a festa, ela vai sentindo uma força impulsionadora que é justamente o social que quer penetrar na festa, dando sentido social e prejudicando o verdadeiro sentido, mas a festa em si, é uma festa que traz, é, muita alegria e conhecimento para o povo, principalmente quando a pessoa procura fazer uma festa para evangelizar o povo<sup>5</sup>.

Para o Monsenhor Ernesto, o “verdadeiro sentido da festa” não era o social, mas o sagrado, o religioso. Como controlar a “força impulsionadora” do social que, de forma sutil, insiste em “penetrar” nas festas? Para que elas se tornem apenas religiosas, há um controle de ações “que funciona como um microscópio do comportamento; as divisões tênues e analíticas por elas realizadas formam em todos os homens um aparelho de observação, de registro e de treinamento<sup>6</sup>”. É necessário observar para disciplinar, e conseqüentemente, transformar o que existe de profano em sagrado nessas festas. Segundo Michel Foucault, “os recursos para o bom adestramento” envolve:

---

<sup>5</sup> ESPÍNOLA, Ernesto da Silva. Memória das Festas dos Negros do Rosário. Jardim do Seridó-RN, 1º de mai. 2006. (Entrevista Inédita). Grifos do autor. Monsenhor Ernesto nasceu no dia 07 de novembro de 1927, na cidade do Acari-RN. O mesmo narrou que “era menino em Acari, ouvia falar dessa festa do Rosário. Eu tinha vontade de vim, mas não tinha oportunidade, somente como vigário foi que eu tomei conhecimento e achei muito bonito porque reúne a comunidade toda, brancos e pretos”. A relação do padre Ernesto, como é conhecido, com a Irmandade do Rosário e em particular com os Negros do Rosário, é marcado pelo respeito e admiração de ambas as partes, conforme se percebe tanto nas entrevistas com os negros, como na realizada com ele. Mesmo antes de se tornar pároco de Jardim do Seridó-RN, padre Ernesto já celebrava essa festa, conforme relata: “no período de padre Aluísio ele não gostava muito, não era amigo assim da festa, que eu vim substituir duas vezes aqui, duas ou três vezes porque ele não fazia a festa, ele tinha raiva, aí eu vinha fazer a festa”. Além disso, a partir de 1958, padre Ernesto assumiu o ministério sacerdotal da Paróquia de Nossa Senhora da Conceição de Jardim do Serido-RN e em virtude dessa posição, celebrou as festas dos negros por 42 anos. Em 2000, renunciou ao paroquiato, recebendo de Dom Jaime Vieira Rocha, então Bispo de Caicó-RN, o título de Pároco Emérito; mesmo assim, continua realizando o sacrifício da Missa em uma capela particular localizada em sua residência à rua José da Costa Cirne, em Jardim do Seridó-RN. No dia 04 de dezembro de 2005 celebrou o “jubileu de ouro”, pelos 50 anos de ordenação sacerdotal. Atualmente está sob o zelo e atenção da Senhora Rita Eunice e familiares.

<sup>6</sup> FOUCAULT, Michel de. Op. Cit., p. 156.

[...] as pequenas técnicas das vigilâncias múltiplas e entrecruzadas, dos olhares que devem ver sem ser vistos; uma arte obscura da luz e do visível preparar em surdina um saber novo sobre o homem, através de técnicas para sujeitá-los e processos para utilizá-los<sup>7</sup>.

As técnicas de vigilâncias “que devem ver sem ser vistos” estão presentes nos olhares vigilantes da Igreja, através dos seus padres; que observam o número de negros que comparecem ao ritual litúrgico e se eles aproximam do altar na hora da comunhão. Monsenhor Ernesto observou que “apesar de toda insistência, ainda, neste ano, poucos foram os negros que se apresentaram à mesa eucarística<sup>8</sup>”. Se os Negros do Rosário, durante a realização de suas festas, não compareciam “à mesa eucarística” algo estava acontecendo e era necessário detectar, para tanto:

No meu tempo, eu fazia sempre confissão com eles e eles participavam. Hoje não, não sei né, o padre não faz mais confissão comunitária, diz que é proibido, num sei, no meu tempo eu fazia e eles participavam em cheio, num sabe? a confissão comunitária<sup>9</sup>.

A confissão<sup>10</sup> comunitária, sempre realizada nesse período, era um momento em que os negros avaliavam a sua vida, os “pecados” cometidos contra os mandamentos de Deus. Este sacramento pode ser realizado de duas formas distintas: individual e coletiva. A confissão individual é realizada em um local reservado, chamado “confessionário”, onde o sacerdote ouve a

<sup>7</sup> FOUCAULT, Michel de. Op. Cit., p. 154. Grifos do autor.

<sup>8</sup> ARQUIVO DA PAROQUIA DE NOSSA SENHORA DA CONCEICAO. *Livro de Tombo 2*: festa de São Sebastião e Nossa Senhora do Rosário. Jardim do Seridó-RN, 1962. 1p.

<sup>9</sup> ESPINOLA, Ernesto da Silva Espínola. Op. Cit.

<sup>10</sup> Desde a Idade Média, pelo menos, as sociedades ocidentais colocaram a confissão entre os rituais mais importantes de que se espera a produção de verdade: a regulamentação do sacramento da penitência pelo Concílio de Latrão em 1215; o desenvolvimento das técnicas de confissão que vem em seguida; [...] tudo isso contribuiu para dar à confissão um papel central na ordem dos poderes civis e religiosos. A própria evolução da palavra “confissão” e da função jurídica que designou já é característica: da “confissão”, garantia de status, de identidade e de valor atribuído a alguém por outrem, passou-se a “confissão” como reconhecimento, por alguém, de suas próprias ações ou pensamento. FOUCAULT, Michel. *História da Sexualidade I: A vontade de saber*. Rio de Janeiro: Edições Gaal, 1988, p. 58.

confissão do pecador. Já a confissão coletiva, é uma “palestra” onde o padre revela os tipos de pecados cometidos conta os mandamentos de Deus e o penitente avalia as “faltas” cometidas; esta segunda opção de confissão, era a escolhida por Monsenhor Ernesto, para ser realizada nas festas dos negros. Neste sentido, a confissão, enquanto relação de poder, se desenrola da seguinte forma:

Ora, a confissão é um ritual de discurso onde o sujeito que fala coincide com o sujeito do enunciado; é, também, um ritual que se desenrola numa relação de poder, pois não se confessa sem a presença ao menos virtual de um parceiro, que não é simplesmente o interlocutor, mas a instância que requer a confissão, impõe-na, avalia-a e intervém para julgar, punir, perdoar consolar, reconciliar; um ritual onde a verdade é autenticada pelos obstáculos e as resistências que teve de suprimir para poder manifesta-se; enfim, um ritual onde a enunciação em si, [...] produz em quem a articula modificações intrínsecas: inocenta-o, resgata-o, purifica-o, livra-o de suas faltas, liberta-o, promete-lhe a salvação<sup>11</sup>.

A partir do reconhecimento de uma culpa, o “pecador”, por meio da confissão, se reconcilia com Deus, e pode participar da sagrada comunhão. Através desta “relação de poder” da confissão, o “pecador” julga-se purificado dos erros cometidos a partir de uma auto-avaliação e de uma avaliação de outrem: o sacerdote. Ele livra o pecador do erro e “promete-lhe a salvação”. Assim, era por meio da confissão, que os olhares vigilantes da “Igreja” procuravam detectar os problemas envolvendo os Negros do Rosário, conforme se percebe no manuscrito seguinte:

Realizou-se nos dias 30, 31 e 1º de janeiro, a festa de São Sebastião e de Nossa Senhora do Rosário. Segundo o que foi observado no ano anterior, a festa teve por parte de todos uma maior participação litúrgica. Permanecendo ainda em grande parte a indisciplina dos negros<sup>12</sup>.

<sup>11</sup> FOUCAULT, Michel. Op. Cit., p. 61.

<sup>12</sup> ARQUIVO DA PAROQUIA DE NOSSA SENHORA DA CONCEICAO. Op. Cit. 1967. 1 p. Grifos do autor.

Devido ter, “por parte de todos uma maior participação”, as festas religiosas eram utilizadas como uma estratégia da “Igreja” para vigiar a vida dos seus fiéis, em especial dos Negros do Rosário, vistos como “indisciplinados”. O que seria indisciplinado na visão da “Igreja”? Para Monsenhor Ernesto, o não comparecimento “à mesa eucarística”, significando está em pecado. Em virtude desta situação, eles passaram por um exercício disciplinar, que supõe envolver:

[...] um dispositivo que abrigue pelo jogo de olhar; um aparelho onde as técnicas que permitem ver induzam a efeitos de poder e onde, em troca, os meios de coerção tornem claramente visíveis, aqueles sobre que se aplicam<sup>13</sup>.

O jogo de dominação pelo olhar busca nivelar e classificar de forma totalizante e homogênea os Negros do Rosário, que “devem” ser cristãos e católicos, e “devem” comparecem à “mesa eucarística” no período das festas. Para que esta “ordem” seja cumprida, a “Igreja” utiliza-se de estratégias, para atrair os Negros do Rosário a assistirem os atos litúrgicos das festas de São Sebastião e Nossa Senhora do Rosário, uma vez que encerradas as suas “apresentações”, um número significativo deles se retiram da parte interna da matriz e ficam passeando, tanto no adro quanto na praça “Dr. José Augusto”, que fica próximo à Igreja. Como estratégia para coibir tal “desordem” a “Igreja” reserva os melhores locais na matriz para que os negros se acomodem na hora das novenas. A próxima foto apresenta o interior da matriz no momento da celebração da novena.

---

<sup>13</sup> FOUCAULT, Michel. *Vigiar e Punir: nascimento da prisão*. Petrópolis: Vozes, 1987, p. 153.





FIGURA 03: NOVENA DA FESTA.  
 FOTO: A. C. Júnior, ano: 1997.  
 FONTE: Acervo particular do autor.

Na fotografia supracitada, lê-se a presença dos “depositários da memória” assistindo aos atos litúrgicos das festas nos primeiros bancos da Igreja. Da esquerda para a direita: José Celestino dos Santos “Sotinha” (batedor de caixa, in-memoriam), Ludgero José dos Santos (chefe da Irmandade, in-memoriam), Antônio Paulino (batedor de caixa, in-memoriam) e Geraldo Eduardo do Nascimento (capitão de lança). Todos vestidos com a roupa da Irmandade; sem o quepe, em sinal de respeito, porque na Igreja os homens não devem estar com as cabeças cobertas.

No momento em que eles participam das novenas, são “espelhos-vivos” a serem seguidos pelas novas gerações de Negros do Rosário. É a arte de dominar sendo exercida pela Igreja. Neste processo, ela torna-se visível não apenas na figura do padre, mas também através da Irmandade de Nossa Senhora do Rosário. Segundo Julita Scarano, as irmandade são “centros dos encontros da população local, que assim podia satisfazer suas tendências gregárias e lúdicas, além de atender seus próprios interesses”<sup>13</sup>. Mas, será que nestas associações os “irmãos” encontravam ocasiões para lutar pelos seus próprios interesses?

---

<sup>13</sup> SCARANO, Julita. *Devoção e Escravidão: a Irmandade de Nossa Senhora do Rosário no Distrito Diamantino no século XVIII*. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1975, p. 2. Segundo esta autora as Irmandades foram “divulgadas de norte a sul do país, penetraram o interior [...]”. Elas são regidas por um Compromisso (lei que estabelece os estatutos da organização) e dispõe de um corpo dirigente, chamada “Mesa. Os irmãos de Mesa, eleitos

Na singularidade da Irmandade de Nossa Senhora do Rosário e São Sebastião de Jardim do Seridó-RN<sup>14</sup>, o tesoureiro ocupa um lugar central no processo de disciplina dos Negros do Rosário, posto em funcionamento pela Igreja. Ele, geralmente uma pessoa branca e de posição de destaque na sociedade, é responsável direto pelas festas. É também um intermediário entre a Irmandade e o padre e, por isso, é induzido de “efeitos de poder” claramente visível sobre aqueles que se aplicam, uma vez que é legitimado não só pela Igreja, mas pelo próprio grupo dos Negros do Rosário:

Eu me tornei tesoureiro pelo convite do antigo tesoureiro, que tinha sido muitos anos tesoureiro da festa, ele já estava velho e me convidou. E houve uma intenção de toda a Irmandade que eu tomasse conta da festa; justamente até porque eu, sem interesse nenhum, tinha trazido um bucado de instrumentos, esses instrumentos que eles tavam precisando na época, eu trouxe pra animar a festa. Por esse motivo, eles insistiram que eu tomasse conta da Irmandade<sup>15</sup>.

---

pelo grupo, são, por sua vez, os que têm direito de voto sempre que seja preciso resolver casos importantes para a organização”, p.29. A Mesa é formada pelo Juiz, Procuradores, Escrivão, Tesoureiro, Rei e Rainha e outras figuras secundárias. Está estrutura hierárquica da Irmandade, pode ser aplicada a congregação de negros de Jardim do Seridó-RN, respeitando as singularidades presentes nos diferentes contextos históricos no qual estão inseridos.

<sup>14</sup> Segundo a *Revista Jardim do Seridó*, “A Irmandade de Nossa Senhora do Rosário foi fundada em 1863 por Joaquim Antônio do Nascimento, tendo como primeiro batador de caixa Luís Joaquim de Santana, tambor-mor Marcelino da Boa Vista e capitão de lança Francisco do Logradouro”, p. 8. Porém, a criação da Irmandade como sociedade religiosa, com estatuto regulamentando o funcionamento, só ocorreu através da Lei nº 951, de 16 de abril de 1885, da Assembléia Legislativa da Província do Rio Grande do Norte. Esta Lei constituída de 13 artigos, dispõe sobre a estrutura que esta Irmandade devia seguir. O artigo 1º institui a Irmandade de Nossa Senhora do Rosário na Freguesia de Nossa Senhora da Conceição; enquanto que o inciso 2º, distribui os cargos, sendo um juiz, uma juíza, um tesoureiro, um procurador e um escrivão. Nos artigos seguintes, têm-se as obrigações que cada membro devia cumprir. É importante acrescentar, que atualmente esta Lei não é do conhecimento da referida Irmandade, pois os “irmãos” seguem a tradição oral, passada de geração a geração, a partir da memória dos “mais velhos”. Em anexo, cópia na íntegra desta Lei.

<sup>15</sup> FONSECA, Geraldo Alves da. *Memória das Festas dos Negros*. Jardim do Seridó-RN, 30 de abr. 2006. (Entrevista Inédita). O Senhor Geraldo Alves da Fonseca, conhecido popularmente como Geraldão, nasceu no dia 25 de junho de 1929, sendo filho de Jeremias Alves da Fonseca e Maria Luíza da Fonseca. O seu envolvimento com as festas do Rosário é marcado por uma tradição familiar, uma vez que seus avós maternos: José Marcelino Dantas e Josefa Maria da Conceição “eram totalmente envolvidos com a festa” sendo reis perpétuos. Com relação à ocupação profissional do Senhor Geraldão, o mesmo narra da seguinte forma: “eu trabalhei na agricultura até aproximadamente os 20 anos de idade; depois eu me desloquei daqui até São Paulo e exerci a profissão de militar durante 25 anos em São Paulo, depois retornei”. Mesmo quando residia em São Paulo-SP, o Senhor Geraldão passava as férias em Jardim do Seridó-RN, e geralmente essas férias coincidiam com o período das festas dos negros, oportunidade para lembrar e se identificar com estas festas, nestas ocasiões “observava, porque, geralmente, no fim do ano quando eu vinha de férias, observava o movimento da festa e sentia a vontade de quando voltasse, de fazer alguma coisa em torno da festa, pra melhorar a presença dos negros na rua”. Quando retornou na década de 70 do século XX, para sua terra natal, Geraldão foi escolhido tesoureiro da Irmandade do Rosário, no ano de 1976. objetivando “melhorar a presença dos negros”, Geraldão substituiu as “caixas feitas de couro” por instrumentos musicais “modernos”, acontecimento que desagradou aos próprios Negros do Rosário. Sobre a sua atuação enquanto

Conforme o relato do senhor Geraldo Alves da Fonseca, ex-tesoureiro, o cargo de direção da Irmandade deve ser antes de tudo legitimado pelos negros. O tesoureiro é detentor de “efeitos de poder” fundamental no processo de disciplinar proposto pela “Igreja”, pois é nas reuniões entre o tesoureiro e a Irmandade que é efetivado o controle de comportamento dos negros nas festas:

Bem, esse trabalho é feito lá na sede deles, sabe? Na sede deles com o presidente, eu, no meu tempo nunca participei da reunião deles, porque Sebastião Agostinho disse que não podia participar pessoas de fora, eu disse: nem o padre? nem o padre. Aí eu não ia [...] eu respeito, num sabe? Respeito a Irmandade do Rosário, que tem uma vida assim muito resguardada, séria. Então, nessa reunião, eu não participava<sup>16</sup>.

Pode-se perceber que a Irmandade não aceita a presença de pessoas que não pertencem ao grupo, vedando inclusive a participação de pessoas “estranhas” à está reunião chamada “Mesa”, que acontece na “casa do Rosário<sup>17</sup>” no dia primeiro de janeiro de cada ano, cujos objetivos são:

---

tesoureiro, Padre Ernesto escreveu a seguinte informação no *Livro de Tombo 2* da Paróquia de Jardim do Seridó-RN: “A Irmandade do Rosário teve uma grande atenção, pela atenção do seu tesoureiro Geraldo Fonseca, que aos poucos esta organizando tudo. Este ano a festa teve um aspecto de grande festa, os Negros do Rosário se apresentaram com estilo, menos cachaça”. Além de tesoureiro, Geraldão trabalhou na Empresa Medeiros e cia S/A e foi vereador. Atualmente mora com sua esposa e filhas. É importante acrescentar que ele é um “apaixonado” pela história, sendo detentor de um importante acervo documental, e também, um colecionador de moedas e cédulas.

<sup>16</sup> ESPÍNOLA, Ernesto da Silva. Op. Cit.

<sup>17</sup> A Casa do Rosário, já é referência nos documentos da Irmandade de Nossa Senhora do Rosário desde 1885, quando é aprovado o Compromisso desta congregação de negros é criado em Jardim do Seridó-RN, através da Lei nº 951 de 16 de abril de 1885. No parágrafo 1º do artigo 6º lê-se que dentre as competências do tesoureiro é: “Receber todos os dinheiros pertencentes ao fundo da Irmandade, inclusive os aluguéis da casa, que serve de patrimônio da Padroeira da Irmandade, por que a mesma deve estar desocupada para a reunião dos muitos irmãos, moradores fora desta cidade”. Segundo Sebastião Arnóbio de Moraes, “a casa do Rosário, situada à avenida Dr. Fernandes, nº 07, no centro da cidade, data do começo da festa (1863) serve para o abrigo dos negros durante a festa”. MORAIS, Sebastião Arnóbio de. Festa de São Sebastião e Nossa Senhora do Rosário em Jardim do Seridó uma Tradição desde 1863. *Jornal Araponga*. Jardim do Seridó-RN, 31 De dez. 2005. p. 4. Para os Negros do Rosário, esta casa foi construída pelos próprios negros. O Senhor Zé Vieira relata que: “aquela casa do Rosário foi construída pelos negros velhos daqui [...] foi madeira dali, da serra do Boqueirão pra ela. Os negros em mutirão, chamando um, chamando outro”. Percebe que a construção dessa casa é um marco temporal para os negros habitantes de Boa Vista. Atualmente, a Casa do Rosário é alvo de disputa entre a Irmandade e a Igreja, que afirma ser a proprietária.

escolher novos reis, receber as anuidades da Irmandade<sup>18</sup> e discutir problemas, pois “a gente aproveitava a oportunidade de estar o grupo junto. A gente costumava chamar a atenção e principalmente quando se fazia a reunião do dia primeiro, a reunião normal”<sup>19</sup>.

A expressão “chamar atenção” significa que estava acontecendo algo que não era de acordo com o desejado pela “Igreja”. Assim, sem a presença física do padre, os “erros” cometidos, segundo a Igreja, pelos Negros do Rosário eram discutidos pela Irmandade, através do tesoureiro. Portanto, as reuniões da Irmandade do Rosário eram um momento de disciplinamento, onde os “erros” cometidos por eles eram detectados e reprimidos a partir “de instrumentos simples: o olhar hierarquizado, a sanção normalizadora e sua combinação num procedimento que lhe é específico, o exame”<sup>20</sup>, ou seja, as festas. Nelas, um conjunto de regras são postos em questão, no sentido de controlar os comportamentos dos negros, evitando que “o social”, o profano penetre nas festas “sagradas”. Assim elas são exercícios de observação e de controle de ações.

## **2.2 A ordem sendo exercida por uma arte: a sanção normalizadora das festas.**

O vigário fez uma advertência aos membros da Irmandade do Rosário para que evitasse o excesso de bebidas, pois já causava vergonha para eles, quando todos não eram culpados. Ordenou o sr. vigário ao tesoureiro que, este ano fosse enviado círculos a todos os irmãos mostrando a finalidade da Irmandade e da Festa do Rosário<sup>21</sup>.

---

<sup>18</sup> Cada “irmão” da Irmandade de São Sebastião e Nossa Senhora do Rosário, pagam anualmente, uma contribuição a essa associação.

<sup>19</sup> FONSECA, Geraldo Alves da. Op. Cit. Grifos do autor.

<sup>20</sup> FOUCAULT, Michel de. Op. Cit., p. 153.

<sup>21</sup> ARQUIVO DA PAROQUIA DE NOSSA SENHORA DA CONCEICÃO. Op. Cit. 1970. 1.p.

As festas “religiosas” da cidade de Jardim do Seridó-RN<sup>22</sup> são marcadas por uma vasta programação, distribuídas em duas partes. As partes religiosas, cujos atos litúrgicos são celebrados no interior de um templo sagrado e as sociais, realizadas na praça Dr. José Augusto, que fica próxima à Igreja matriz. Além disso, segundo José Nilton de Azevedo “no dia da festa, última tarefa, pela manhã, os bares voltam a lotar de jardinenses e visitantes, tomando cachaça”<sup>23</sup>. O uso de bebidas alcoólicas durante os períodos festivos é uma constante nas festas de São Sebastião e Nossa Senhora do Rosário, principalmente pelos Negros do Rosário, pois “desde manhã cedo os grupos percorriam as ruas. Soubemos que eles só paravam para tomar uma dose de aguardente<sup>24</sup>”.

Além de cumprirem a programação estabelecida pela Igreja, os Negros do Rosário aproveitam os dias festivos para realizarem suas “apresentações” pelas ruas da cidade, sendo convidados a entrarem em algumas casas, pois:

Era a festa que atraía todas as pessoas, tanto da zona rural como da cidade. As pessoas gostavam muito dessa festa e achavam interessante, a participação dos negros, né? Dos negros, e no meu tempo aqui, esses negros andavam em todas as casas, traziam a coroa, né? A coroa pra arranjar dinheiro pra festa, então o povo todo colaborava. Sebastião Agostinho era o diretor de lá, ele se afinava muito comigo, e eu tratava o programa da festa e ele aprovava tudinho, cumpria bem direitinho e faziam com que o negro, os negros caminhasse pelas aquelas festas tudinho, pelas casas, entrasse nas casas dançando. Eles vinham praqui, dançavam aqui em casa [...] <sup>25</sup>

---

<sup>22</sup> Nesta Cidade são realizadas as seguintes festas: Sagrado Coração de Jesus no mês de setembro, Nossa Senhora da Conceição, padroeira de Jardim do Seridó-RN, cujo dia principal é o 08 de dezembro e as de São Sebastião e Nossa Senhora do Rosário, objeto de estudo.

<sup>23</sup> AZEVEDO, José Nilton de. *Um Passo a Mais na História de Jardim do Seridó*. Brasília: Gráfica do Senado Federal. 1989, p. 41.

<sup>24</sup> MELO, Veríssimo de. Op. Cit., p. 11.

<sup>25</sup> ESPÍNOLA, Ernesto da Silva. Op. Cit.

Conforme o relato do Monsenhor Ernesto, as visitas eram aprovadas pela “Igreja”, sendo parte da programação das festas. Na foto 04, pode-se visualizar o grupo dos Negros do Rosário de Jardim do Seridó-RN, visitando as residências da cidade.



FIGURA 04: Visita a Monsenhor Ernesto.  
FOTO: Maria das Graças; ano 2004.  
FONTE: Acervo particular de monsenhor Ernesto.

Nessa foto podem-se notar as crianças e adultos segurando os espontões; e em pé, os tocadores, todos vestindo camisa branca estampada com o emblema da festa, e calça azul. Esta “farda” é característica da Irmandade. Na foto, também está presente bem no centro a pessoa do Monsenhor Ernesto, homem branco e de posição de destaque na sociedade. Os Negros do Rosário, geralmente fazem suas “apresentações” nas residências da “elite jardinense”. Nestas visitas são oferecidos “lanches”, como se pode ver na foto supracitada, onde alguns deles estão segurando copos e guardanapos.

Estes encontros consistem em despertar a população para as festas. Nelas os Negros do Rosário fazem a apresentação da dança do espontão e finalizam com uma homenagem aos donos das casas, conforme as fotos 05 e 06:



FIGURA 05: Dança do Espontão.  
FOTO: Maria das Graças, ano: 2004.  
FONTE: Acervo particular de Monsenhor Ernesto.



FIGURA 06: Homenagem aos donos da casa.  
FOTO: Maria das Graças, ano: 2004.  
FONTE: Acervo particular de Monsenhor Ernesto.

Na primeira foto, vê-se um membro do grupo com a bandeira da Irmandade de Nossa Senhora do Rosário e os demais segurando os espontões, fazendo as coreografias da dança do espontão. Esta dança é acompanhada por tambores, caixas e pífaros. Já na foto 10, os negros fazem suas saudações aos donos da casa empulhando os espontões sobre os homenageados.

Essas visitas iniciam-se antes do período festivo, sendo intensificado nos dias 30 e 31 de dezembro e 1º de janeiro, tendo como objetivo, angariar recursos financeiros para as festas. Elas também acontecem na feira da cidade e nas cidades vizinhas como São José do Seridó, Carnaúba dos Dantas, Parelhas e Ouro Branco, no Rio Grande do Norte.

Durante todo o mês de dezembro, é comum ouvir os ruídos dos tambores de caixa ecoarem de vários cantos da cidade. Nos dias de festas, além dos Negros do Rosário de Jardim de Seridó-RN, também participam o grupo da Boa Vista, conforme a foto 07.

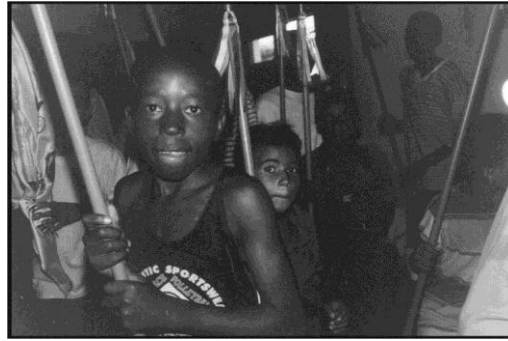


FIGURA 07: Visita as residências.  
FOTO: Wildete Medeiros; ano: 2003.  
FONTE: Acervo particular de Wildete.

Nesta performance, observa-se a dança do espontão ser realizada no interior de uma residência da cidade, sendo improvisados os seus passos no minúsculo espaço de uma sala.

Esses encontros realizados nas residências passaram a ser alvo de críticas por parte do pároco, o padre Ernesto, porque, como já foi falado anteriormente, é oferecido um lanche no qual, geralmente, é servida bebida alcoólica.

O controle das bebidas, assim, eles iam para as casas e distribuíaam bebidas. Muitas vezes, davam muita cachacinha, então eu falava muito para não fazer isto, falava muito para que não oferecesse; oferecesse guaraná, outros, mas não bebidas, coca-cola. E eles obedeciam, então a festa toda transcorria sem aquele barulho de bêbados, nada. Porque antes na procissão, eles vinham dançando bêbados, num sabe? era um problema danado, e eu acabei com isso, então eles fazem bem direitinho<sup>26</sup>.

A procissão era um dos momentos principais destas festas, pois “o pessoal da zona rural vinha em massa, em massa pessa festa. A procissão de Nossa Senhora do Rosário era a procissão das maiores daqui, porque o pessoal gostava bastante dessa festa<sup>27</sup>”. Perante este momento de grande participação popular, a procissão “exigia” uma série de regras a serem desenvolvidas, no

<sup>26</sup> ESPÍNOLA, Ernesto da Silva. Op. Cit.

<sup>27</sup> Idem.



sentido de ter um caráter religioso, uma vez que os espaços “pagãos” das ruas são tocadas pelo sagrado, através da condução das imagens de São Sebastião e Nossa Senhora do Rosário. Para que não se perca o caráter religioso, a procissão exigia uma série de regras, como por exemplo, a distribuição das pessoas em filas, obedecendo à hierarquia da Igreja, como se pode perceber na seguinte fotografia.



FIGURA 08: INÍCIO DA PROCISSAO.  
FOTO: Nilson Imagens; ano: 2005.  
FONTE: Acervo particular do autor.

Na procissão, quando boa parte da população de uma cidade desfila pelas ruas, a marcha dos fiéis obedece a uma ordem hierárquica. Abrindo o ritual “sagrado” da procissão, vai a cruz procissional, ladeada por duas tochas. Em seguida, em duas filas, as senhoras e senhores membros das associações religiosas da paróquia, com seus uniformes próprios e adornados com fitas que designa a congregação a qual pertencem, caminham com suas bandeiras. Segundo Roger Bastide “A ordem do desfile é uma ordem de mérito crescente, onde o clero se coloca no meio para assegurar, por sua situação mediana, a coerência e a estabilidade de uma sociedade misturada<sup>28</sup>”. Veríssimo de Melo, ao participar da procissão da festa dos negros, descreve o ritual:

<sup>28</sup> BASTIDES, Roger. *As Religiões Africanas no Brasil*. Trad. Maria Eloísa Capellato; Olívia Krahenbühl. São Paulo: Livraria Pioneira Editora, 1971, p.170.

Às 16 horas, saiu da igreja a segunda procissão, com acompanhamento dos grupos de Negros do Rosário, outras irmandades e grande número de fiéis. Além do andor de Nossa Senhora do Rosário [...], via-se o andor de São Sebastião. Ao lado da banda de música local, estavam os mesmos pífaros e “caixas”. Vez por outra, alternavam os benditos católicos com as músicas dos negros. Todos marchavam com grande respeito e verdadeira unção cristã [...] <sup>29</sup>.

Esta aparente harmonia de uma “verdadeira unção cristã” é seqüenciada até o meio da procissão, onde encontra-se os sacerdotes, conforme pode ser visualizado na foto abaixo.



FIGURA 09: MEIO DA PROCISSÃO.  
FOTO: Nilson Imagens; ano: 2005.  
FONTE: Acervo particular do autor.

Após os sacerdotes, a procissão é seqüenciada pelos andores de São Sebastião e Nossa Senhora do Rosário e pela multidão que perfilam, longe dos olhares vigilantes da Igreja. Diferente das regras pretendida pelas mulheres dos sodalícios religiosos, agora o cortejo toma conta, não apenas das ruas e avenidas, mas das calçadas e esquinas. É a oportunidade da conversa, do olhar a roupa do outro, do bifurcar uma viela para encurtar o caminho até a Igreja; nela o “homem ordinário” recria outros espaços, outras regras e outras práticas: “pequenos sucessos, artes de dar golpes, astúcias de ‘caçadores’, mobilidades da mão-de-obra, situações

<sup>29</sup> MELO, Veríssimo de. Op. Cit., p. 13.

polimorfos, achados que provocam euforia, tanto poéticos quanto bélicos<sup>30</sup>”. Na próxima imagem, a multidão disputa espaços para caminhar na procissão.



FIGURA 10: FINAL DA PROCISSÃO.  
FOTO: Nilson Imagens; ano: 2005.  
FONTE: Acervo particular do autor.

As pessoas buscam caminhar na procissão próximo das imagens, logo o espaço da “ordem” dá lugar à “desordem”. Além disso, a procissão apresenta um outro “problema”, apontado por padre Ernesto; o comparecimento dos Negros do Rosário “bêbados”. Ao detectar tal situação:

Foi empregado por parte do Vigário, um grande esforço para eurifrear com um sentido litúrgico a festa do Rosário. O Vigário chegou a conclusão de que: havia necessidade de uma urgente reforma da “Irmandade do Rosário” do contrário, a festa ficaria reduzida, apenas, a um desfile de homens embriagados pelas ruas. Muito embora, haja uma grande admiração do povo por essa festa. Por isso a nossa grande preocupação de levá-la a um sentido litúrgico<sup>31</sup>.

Objetivando contornar esta situação, a “Igreja” põe em funcionamento uma “rede de vigilância” que consiste em controlar o comportamento dos Negros do Rosário, através do combate ao consumo de bebidas alcoólicas. Trata-se ao mesmo tempo de tornar penalizáveis as

<sup>30</sup> CERTEAU, Michel de. Op.Cit., p. 47.

<sup>31</sup> ARQUIVO DA PAROQUIA DE NOSSA SENHORA DA CONCEICAO. Op. Cit., 1966. 1.p. Grifos do autor.

frações mais tênues da conduta, levando ao extremo, tudo passa a servir para punir a mínima coisa; onde cada indivíduo se encontre preso numa universalidade punível-punidora<sup>32</sup>. Segundo Michel Foucault, o poder disciplinar utiliza-se de micropenalidade:

[...]do tempo (atrasos, ausências, interrupções das tarefas), da atividade (desatenção, negligência, falta de zelo), da maneira de ser (grosseira, desobediência), dos discursos (tagarelice, insolência), do corpo (atitudes “incorretas”, gestos não conformes, sujeira), da sexualidade (imodéstia, indecência). Ao mesmo tempo é utilizada, a título de punição, toda uma série de processos sutis que vão do castigo físico leve a privações ligeiras e a pequenas humilhações<sup>33</sup>.

Para cada atitude incorreta, são criadas micropenalidades, no sentido de punir os “erros” cometidos. Dentre as punições, ganha destaque a expulsão dos descumpridores das “ordens estabelecidas”, conforme a narrativa que se segue:

Aconteceu de alguém ser desligado porque não cumpria aquelas ordens que a gente dava pra evitar o álcool naqueles dias, inclusive pelos que não bebiam, também faziam questão que os que gostasse de tomar um, uma quantidade de álcool a mais, se desligar. Assim, o nome hoje, hoje eu não me lembro, o nome deles não, mas tenho certeza de que teve alguns que foi obrigado a deixar a Irmandade porque não obedeciam<sup>34</sup>.

Punir os “irmãos” que “não obedeciam” às ordens estabelecidas pelo tesoureiro, principalmente a de não consumir bebidas alcoólicas, passa a ser uma atitude aplaudida pela “Igreja”, pois seria cumprido o principal objetivo da Irmandade. Assim, para padre Ernesto “A Irmandade do Rosário, cada vez mais, vai tomando consciência do seu papel de transformadora

<sup>32</sup> FOUCAULT, Michel. Op. Cit., p. 159-160.

<sup>33</sup> FOUCAULT, Michel. Op. Cit., p. 159.

<sup>34</sup> FONSECA, Geraldo Alves da. Op. Cit.

no meio dos homens de côres<sup>35</sup>”. A expulsão de um membro do grupo por não obedecer às ordens estabelecidas, tem a função de reduzir os desvios; portanto é um castigo disciplinar, essencialmente corretivo<sup>36</sup>. Quando esta estratégia não funcionava, a solução era “concordar com eles para que depois que terminassem as festas, eles aproveitassem para festejar com esse tipo de situação, que seria tomar o seu aperitivo<sup>37</sup>”. Pode-se perceber nesse relato que, para o extesoureiro, o “errado” não seria beber, mas beber no período das festas.

A sanção normalizadora que compara, diferencia, homogeniza, hierarquiza e exclui os Negros do Rosário que não obedeciam às ordens, se institucionaliza, transforma em norma, cujo primeiro artigo reza que “quando um componente estiver embriagado, ele não participará das atividades do grupo<sup>38</sup>”. Padre Ernesto observa que:

No começo, quando eu cheguei aqui, eles ainda bebiam muito, num sabe? Mas eu comecei a falar, fazer palestras com eles, mostrando que eles não deviam beber, porque eles ficavam assim, fora de si e iam fazer besteira, porque o homem, o homem não devia fazer besteira em canto nenhum, em canto nenhum. O homem deve ter uma posição digna, porque eles iam pra procissão bêbados. Então, eu justamente, eu aconselhei acabar com esse negócio de vício. Hoje eles não, hoje eles não tem mais essas bebidas, hoje ainda bebe, mas a maior parte deles conservam sem beber<sup>39</sup>.

Nesta narrativa são construídas duas imagens de Negros do Rosário. A primeira, formada pela “maior parte deles”, diz respeito aos que se “conservam sem beber” durante as festas. Estes são vistos pela igreja como “exemplos” a serem seguidos, pois representam a ordem sendo exercida por uma arte. Enquanto que a segunda imagem são, dos que “hoje ainda bebe”, ou seja, ao mesmo tempo que a ordem é exercida, é burlada. Como se dá a “astúcia” de continuar consumindo bebidas alcoólicas nas festas dos negros?

<sup>35</sup> ARQUIVO DA PAROQUIA DE NOSSA SENHORA DA CONCEICAO. Op. Cit. 1976. 1. p.

<sup>36</sup> FOUCAULT, Michel de. Op.Cit., p. 100.

<sup>37</sup> FONSECA, Geraldo Alves da. Op. Cit.

<sup>38</sup> Normas da Irmandade de Nossa Senhora do Rosário de Jardim do Seridó-RN.

<sup>39</sup> ESPÍNOLA, Ernesto da Silva. Op. Cit.

## 2.2. As artes de dar “golpes”; táticas dos Negros do Rosário

Trata-se de combates ou jogos entre o forte e o fraco, e das “ações” que o fraco pode empreender<sup>40</sup>. Michel de Certeau.

As trocas sociais criam um jogo de poder envolvendo “o forte e o fraco”. Nas festas de São Sebastião e Nossa Senhora do Rosário em Jardim do Seridó-RN, “o forte” é representado pela Igreja Católica, possuidora de “um próprio” a ser consumido pelos “fracos” Negros do Rosário, consumidores de “um próprio” alheio, de outrem. Nesta relação, “o fraco” não deve ser visto como passivo ou submisso, mas como empreendedor e combatente, que opera “golpe por golpe, lance por lance. Aproveita as ‘ocasiões’ e delas depende, sem base para estocar benefícios, aumenta a propriedade e prever saída”<sup>41</sup>. Esta é a arte do fraco, uma arte tática, que:

Destaca a relação de forças que está no princípio de uma criatividade intelectual, tão tenaz como sutil, incansável, mobilizada à espera de qualquer ocasião, espalhada no terreno da ordem dominante, estranha às regras próprias da racionalidade e que esta impõe com base no direito adquirido de um próprio<sup>42</sup>.

Os negros realizam suas festas no seio de uma ordem dominante, a qual exige um conjunto de regras a serem cumpridas, principalmente, a de não se utilizar bebidas alcoólicas.

A gente insistia com eles para que não, não tivesse acesso a bebidas alcoólicas, mas a gente apenas aconselhava, dava a entender que a festa, pra brilhar na festa era preciso ter essa vontade de não tomar bebidas alcoólicas, que sempre

---

<sup>40</sup> CERTEAU, Michel de. Op. Cit. p. 97.

<sup>41</sup> CERTEAU, Michel de Op. Cit., p. 100

<sup>42</sup> Idem, p. 102.

traz aborrecimento, mas sempre nunca se conseguia, não se conseguia controlar todo mundo<sup>43</sup>.

“Nunca se conseguia” porque os Negros do Rosário, de forma “astuciosa”, sempre encontravam ocasiões para burlar a “ordem” de não consumir bebidas alcoólicas no período festivo. Esta “arte da guerra cotidiana” jamais se apresenta sob forma nítida, nem por isso é menos certo que apostas feitas no lugar ou no tempo distinguem as maneiras de agir<sup>44</sup>.

O senhor Joaquim Dantas, presidente da Irmandade de Nossa Senhora do Rosário, percebe as “maneiras de agir” dos negros para burlar a “ordem estabelecida”:

Lá não bebe não, bebe assim guaraná essas coisas, mas bebidas lá não, é proibido; mas os negros quando chegam, se danam espalhados pela rua, pra beber. Tem deles que não pode vim nem pra missa bebo [risos], é, não pode amarrar a boca deles, nem butar muchila, pra eles não beber<sup>45</sup>.

Esta resistência à “ordem” consiste na hábil utilização do tempo, pois os rituais litúrgicos, em sua maioria, são realizados à noite, principalmente nos dias 30 e 31 de dezembro. Assim, as manhãs e tardes são disponíveis para outras atividades, como as visitas às casas, ou conforme a próxima foto, aos bares.

---

<sup>43</sup> FONSECA, Geraldo Alves da. Op. Cit.

<sup>44</sup> CERTEAU, Michel de. Op. Cit., p.102.

<sup>45</sup> DANTAS, Joaquim. *Memória dos Negros do Rosário*. Jardim do Seridó-RN, 16 de dez. 2005. (Entrevista Inédita). Joaquim Dantas nasceu em 1920, sendo filho de Manoel do Carmo Dantas e Maria Martides da Conceição. Segundo narrou, era neto de “escravo, lá da região de Acari”. Indagado a respeito do sobrenome Dantas, o mesmo relatou que “quando vieram as ‘pessoas’ para colocar os nomes, o senhor disse que ele (João Dantas, seu avô) ia herdar o seu sobrenome: Dantas; porém eles disseram que não podia, mas o senhor insistiu, eles serão Dantas porque eu quero”. Joaquim Dantas não se lembra em que ano entrou para a Irmandade do Rosário, acredita que faz “uns 28 ou 29 anos”, porém “só deixo quando morrer”. Na Irmandade, já exerceu o cargo de escrivão (embora só saiba escrever apenas o nome) e atualmente é o presidente. Considera a festa dos negros e o clube dos idosos, as “coisas” mais importante da sua vida. Sua maior angústia é saber que seus filhos e netos não querem participar da festa. Joaquim Dantas reside com uma filha e netos, em uma residência localizada no bairro “Alto-Baixo” em Jardim do Seridó-RN.



FIGURA 11: VISITA A UM BAR.  
 FOTO: A. C. Júnior; ANO: 1997.  
 FONTE: Acervo particular do autor.

Na foto supracitada percebe-se a visita dos Negros do Rosário a um bar da cidade. Nestas ocasiões, são praticadas as “artes das guerras cotidianas”, ou seja, a oportunidade de se espalharem “pelas ruas pra beber”. A senhora Sônia, esposa do ex-proprietário do bar O Esquinão, localizado nas proximidades da Casa do Rosário, analisa as festas dos negros da seguinte forma:

Era boa demais, ótima, eles passavam o dia brincando, comendo. A festa maior que Gilson fazia era a festa do Rosário, porque eles gastavam muito lá, passavam o dia lá e pagavam tudo em dia. Eles bebiam de tudo, as crianças bebiam guaraná, enquanto que os negros maiores tomavam cachaça, mas eles também tomavam muita cerveja. Era direto, os três dias de festa eles iam pra lá, logo chegavam os da Boa Vista e juntavam com os daqui[...] eram negros demais<sup>46</sup>.

O Esquinão, ou “bar de Gilson”, como era conhecido, era ponto de encontro para os Negros do Rosário; um espaço de interesse e desejo, não coerente com o espaço construído pela técnica organizadora de sistema, pois:

---

<sup>46</sup> COSTA, Sônia Maria Azevedo da. *Memória das Festas dos Negros*. Jardim do Seridó-RN, 10 de mai. 2006. (Entrevista Inédita).



[...] essas trilhas continuam heterogêneas aos sistemas onde se infiltram e onde esboçam as astúcias de interesses e de desejos diferentes. Elas circulam, vão e vem, saem da linha e derivam num relevo imposto, ondulações espumantes de um mar que se insinua entre os rochedos e os dêdalos de uma ordem estabelecida<sup>47</sup>.

Os negros buscavam outros espaços para consumir suas “cachaças”, mas eles também circulavam com bebidas nos espaços da ordem, como por exemplo, a Casa do Rosário, na qual se abrigam no período festivo e de onde partem os cortejos das festas. Neste sentido, eles vão e vem, e nesta relação, encontram as ocasiões para bular a “ordem”. O senhor Amaral Fernandes, chefe da Irmandade e responsável por esta casa, afirma que:

Pode beber, a gente pode tomar uma chamadinha aqui, pode beber. Agora sobre negócio de dança não, sobre negócio de dança nós não aceita aqui não, fazer dança aqui não. Antigamente, existia na véspera da festa, tinha um bocados de sanfoneiro aqui, um sanfoneiro pra tocar, aí houve um problema aí, aí nós não, os mais velhos abandonaram, nós não aceitamos não. Agora beber pode beber um negócio aí, bebendo aqui; agora fazer dança como antigamente havia, nós não aceita não<sup>48</sup>.

Quando o senhor Amaral discute “sobre negócio de dança”, ele está se referindo aos forrós tocados por “um bocado de sanfoneiro” que aconteciam no passado, na Casa do Rosário, e que foi abolido pelos mais “velhos”. Os “velhos” se inserem como legitimadores da decisão em suspender a realização dos forrós na Casa da Irmandade. Isto não significa dizer que na festa dos negros não haja atrações sociais, pois se foi suspenso “as danças” na parte interna da residência dos negros, estas passaram a acontecer em frente à Casa do Rosário. Assim, na noite do dia 30 de dezembro é realizado um leilão, geralmente animado por uma banda de forró da cidade, enquanto que no dia 31 de dezembro, véspera do dia da Festa em Jardim do Seridó-RN e “reveillon”, a

<sup>47</sup> CERTEAU, Michel de. Op. Cit., p. 97.

<sup>48</sup> CRUZ, Amaral Fernandes da. Op. Cit.

programação social é marcado pelo “pavilhão da festa” que funciona ao lado da Igreja matriz, onde há leilões e bazar. Nestas ocasiões, os divertimentos são estimulados pelo consumo de bebidas alcoólicas.

“Os velhos” proibiram a realização dos forrós na Casa do Rosário, porém as festas de rua “não tem problema nenhum, até que fala os mais velhos que eles tiravam um dia pra beber, pra fazer aqueles movimentos deles, tomando aquela aguardente, que tem, nunca vai deixar de ter<sup>49</sup>”, conforme o capitão de lança.

Portanto, pode-se concluir que, apesar de ter passado por um processo disciplinar, os Negros do Rosário, produtores desconhecidos, poetas de seus negócios, inventores de trilhas nas selvas da racionalidade funcionalista, produzem “trajetórias indeterminadas” aparentemente desprovidas de sentidos, porque não são coerentes com o espaço construído, escrito e pré-fabricados onde se movimenta<sup>50</sup>. Estas histórias sobre a “arte de dar golpes” são importantes para que se perceba que “os fracos” não são passivos, mas “caçadores” de ocasiões, nas quais possam burlar a ordem estabelecida pelo “forte”.

---

<sup>49</sup> SANTOS, Antonio José dos. Op. Cit.

<sup>50</sup> CERTEAU, Michel de. Op. Cit. p. 97.

## PENÚLTIMOS ENREDOS

É chegada a hora de descer as bandeiras, pois as festas estão terminando, mas antes das despedidas é necessário tecer alguns comentários a título de considerações finais. O objetivo inicial era historicizar as festas dos Negros do Rosário de Jardim do Seridó-RN. Para tanto, na construção do objeto, partiu-se da leitura do livro de Michel de Certeau, *A Invenção do Cotidiano – Artes de Fazer*, que serviu como intertexto para discutir a atuação dos Negros do Rosário nas festas de São Sebastião e Nossa Senhora do Rosário.

Como “consumidores” da crença católica, os Negros do Rosário não são, nem obedientes nem passivos, mas protagonistas de muitas histórias originais, pois eles reempregam com outras “maneiras de fazer” a crença imposta por uma ordem dominante. Neste sentido, eles utilizam a astúcia, para de forma tática e sutil, transformar os espaços católicos, com suas danças, seus reinados, enfim, “mil maneiras de jogar / desfazer o jogo do outro”. São outras festas na festas.

A constatação da existência destas outras festas é importante, pois a historiografia local tem silenciado. Ao trabalhar as festas dos negros, eles têm feito de forma totalizante, apresentando os Negros do Rosário como um “grupo folclórico”, que realizam suas festas desde 1863. Os historiadores têm apresentado uma continuidade linear destas festas, esquecendo das mudanças dos contextos históricos. Diferente destas leituras, discuti-se, as festas dos negros, tendo como recorte temporal o tempo da memória “que se atualiza no presente, e que se move do passado em direção ao presente, não se detem nele: pela própria natureza contínua da duração, ela é portadora do futuro<sup>14</sup>”. Dessas dimensões temporais, que entrelaçam passado-presente-futuro, percebe-se a construção das memórias de festas, onde cada sujeito / poeta, com nome, com voz e

---

<sup>14</sup> SEIXAS, Jacy Alves. Op. Cit. p 48.

com histórias, recompõe suas reminiscências singulares. Assim, não existe a festa, mas múltiplas festas, pois enquanto para Dona Inácia, elas têm uma determinada característica, para o Senhor Amaral, outras. Mas, essas festas são singulares, porque foram construídas de acordo com o lugar ocupado por cada negro na hierarquia da irmandade.

Para os Negros do Rosário, essas festas simboliza união e identificação de laços culturais. Nelas, esses sujeitos sociais concretizam momentos de descontração, ao mesmo tempo em que relacionam com um passado, reafirmando seus batuques e reinventando, modos de vida, que foram transformados em linguagens externadas através da música, festa, alegria e diversão; sintonizados com as batidas dos tambores de caixa e dos pífaros. Através das lembranças dos depoentes, pude fazer uma análise dos fragmentos que se fazem presentes e que os autores dessa trama deixam vestígios, transformando-os em devoção, ritos, rituais, num ritmo sedimentar de festa e de comemorações.

As festas passaram a ser a forma por meio da qual se tentava impor regras às comunidades. Assim, deparava-se com festividades inúmeras, mas sempre tendo um ponto de ligação com a Igreja, pois esta passa a mapear a festa, reservando-lhe espaços rituais específicos. Neste sentido, estas festas estão vinculadas aos parâmetros da Igreja, pois elas homenageiam os santos desta. É no espaço da Igreja que estas se manifestam.

As festas dos negros são olhadas de forma diferenciada pela Igreja Católica em Jardim do Seridó-RN. Por ser detentora de um “próprio”, ela distribui lugares a serem “consumidos”, como por exemplo: as imagens de santos e o templo; além de elaborar estrategicamente a programação das festas. Com estes lugares de poder, a igreja procura dominar os Negros do Rosário, no sentido de extinguir práticas consideradas pela “igreja” como profanas, que segundo Monsenhor Ernesto “insiste em penetrar na festa”.

Diante da constatação de que outras práticas estavam sendo realizadas nos períodos festivos, distorcendo o “verdadeiro sentido das festas”, que na visão do Monsenhor Ernesto era inserir os negros na religião católica, a “igreja” põe em funcionamento todo um conjunto de “micropenalidades” para que a “ordem” seja mantida. Estas penalidades buscam disciplinar os Negros do Rosário, transformando-os em cristãos, católicos. Mas, por não serem passivos eles “reagem” as normas impostas pela Igreja e encontram ocasiões para burlar as ordens estabelecidas de não consumir bebidas alcoólicas nas festas.

Esta “arte da guerra cotidiana”, põe em embate a Igreja e a Irmandade do Rosário. Ela não aconteceu de forma explícita, mas em “surdina”, e só um olhar atento para as práticas que envolvem estas festas, consegue detectar. Esta discussão é importante em termos históricos, porque reconstitui as astúcias anônimas das artes de fazer, dos consumidores em “driblar os termos dos contratos sociais”.

Estas são as leituras que fiz sobre as festas de São Sebastião e Nossa Senhora do Rosário, dentre as muitas possibilidades a serem seguidas na construção dos enredos de festas. Neste sentido, muito ficou de fora, foram silenciados, ou deixados para “depois”, afinal o historiador é necessariamente um selecionador. No entanto, dou-me por satisfeito em verificar que hoje, vejo ainda múltiplos caminhos possíveis. Eu mesmo, no momento em que escrevo estas considerações finais, já começa a optar por uma delas; que certamente me levarão a muitas outras. Portanto, a minha caminhada enquanto pesquisador, não foi concluída...

Realizar esta pesquisa foi um esforço de paciência e perseverança em rascunhar, escrever, reescrever, não conseguir escrever, desanimar, reanimar. Tudo isso fez parte do processo de feitura deste trabalho. É a satisfação do dever cumprido e a certeza de que muito ainda há por fazer, o maior aprendizado que trago comigo. As experiências das entrevistas, leituras e escrita me fizeram amadurecer, não só como pesquisador, mas também como ser

humano. Portanto, ao som da banda de música, dos tambores e pífaros, e aos aplausos de todos, pode-se descer as bandeiras, pois, por enquanto os enredos de festas terminaram. Espera-se nova oportunidade, para em breve, voltar a hasteá-las novamente...

## PENÚLTIMOS ENREDOS

É chegada a hora de descer as bandeiras, pois as festas estão terminando, mas antes das despedidas é necessário tecer alguns comentários a título de considerações finais. O objetivo inicial era historicizar as festas dos Negros do Rosário de Jardim do Seridó-RN. Para tanto, na construção do objeto, partiu-se da leitura do livro de Michel de Certeau, *A Invenção do Cotidiano – Artes de Fazer*, que serviu como intertexto para discutir a atuação dos Negros do Rosário nas festas de São Sebastião e Nossa Senhora do Rosário.

Como “consumidores” da crença católica, os Negros do Rosário não são, nem obedientes nem passivos, mas protagonistas de muitas histórias originais, pois eles reempregam com outras “maneiras de fazer” a crença imposta por uma ordem dominante. Neste sentido, eles utilizam a astúcia, para de forma tática e sutil, transformar os espaços católicos, com suas danças, seus reinados, enfim, “mil maneiras de jogar / desfazer o jogo do outro”. São outras festas na festas.

A constatação da existência destas outras festas é importante, pois a historiografia local tem silenciado. Ao trabalhar as festas dos negros, eles têm feito de forma totalizante, apresentando os Negros do Rosário como um “grupo folclórico”, que realizam suas festas desde 1863. Os historiadores têm apresentado uma continuidade linear destas festas, esquecendo das mudanças dos contextos históricos. Diferente destas leituras, discuti-se, as festas dos negros, tendo como recorte temporal o tempo da memória “que se atualiza no presente, e que se move do passado em direção ao presente, não se detem nele: pela própria natureza contínua da duração, ela é portadora do futuro<sup>15</sup>”. Dessas dimensões temporais, que entrelaçam passado-presente-futuro, percebe-se a construção das memórias de festas, onde cada sujeito / poeta, com nome, com voz e

---

<sup>15</sup> SEIXAS, Jacy Alves. Op. Cit. p 48.

com histórias, recompõe suas reminiscências singulares. Assim, não existe a festa, mas múltiplas festas, pois enquanto para Dona Inácia, elas têm uma determinada característica, para o Senhor Amaral, outras. Mas, essas festas são singulares, porque foram construídas de acordo com o lugar ocupado por cada negro na hierarquia da irmandade.

Para os Negros do Rosário, essas festas simboliza união e identificação de laços culturais. Nelas, esses sujeitos sociais concretizam momentos de descontração, ao mesmo tempo em que relacionam com um passado, reafirmando seus batuques e reinventando, modos de vida, que foram transformados em linguagens externadas através da música, festa, alegria e diversão; sintonizados com as batidas dos tambores de caixa e dos pífaros. Através das lembranças dos depoentes, pude fazer uma análise dos fragmentos que se fazem presentes e que os autores dessa trama deixam vestígios, transformando-os em devoção, ritos, rituais, num ritmo sedimentar de festa e de comemorações.

As festas passaram a ser a forma por meio da qual se tentava impor regras às comunidades. Assim, deparava-se com festividades inúmeras, mas sempre tendo um ponto de ligação com a Igreja, pois esta passa a mapear a festa, reservando-lhe espaços rituais específicos. Neste sentido, estas festas estão vinculadas aos parâmetros da Igreja, pois elas homenageiam os santos desta. É no espaço da Igreja que estas se manifestam.

As festas dos negros são olhadas de forma diferenciada pela Igreja Católica em Jardim do Seridó-RN. Por ser detentora de um “próprio”, ela distribui lugares a serem “consumidos”, como por exemplo: as imagens de santos e o templo; além de elaborar estrategicamente a programação das festas. Com estes lugares de poder, a igreja procura dominar os Negros do Rosário, no sentido de extinguir práticas consideradas pela “igreja” como profanas, que segundo Monsenhor Ernesto “insiste em penetrar na festa”.



Diante da constatação de que outras práticas estavam sendo realizadas nos períodos festivos, distorcendo o “verdadeiro sentido das festas”, que na visão do Monsenhor Ernesto era inserir os negros na religião católica, a “igreja” põe em funcionamento todo um conjunto de “micropenalidades” para que a “ordem” seja mantida. Estas penalidades buscam disciplinar os Negros do Rosário, transformando-os em cristãos, católicos. Mas, por não serem passivos eles “reagem” as normas impostas pela Igreja e encontram ocasiões para burlar as ordens estabelecidas de não consumir bebidas alcoólicas nas festas.

Esta “arte da guerra cotidiana”, põe em embate a Igreja e a Irmandade do Rosário. Ela não aconteceu de forma explícita, mas em “surdina”, e só um olhar atento para as práticas que envolvem estas festas, consegue detectar. Esta discussão é importante em termos históricos, porque reconstitui as astúcias anônimas das artes de fazer, dos consumidores em “driblar os termos dos contratos sociais”.

Estas são as leituras que fiz sobre as festas de São Sebastião e Nossa Senhora do Rosário, dentre as muitas possibilidades a serem seguidas na construção dos enredos de festas. Neste sentido, muito ficou de fora, foram silenciados, ou deixados para “depois”, afinal o historiador é necessariamente um selecionador. No entanto, dou-me por satisfeito em verificar que hoje, vejo ainda múltiplos caminhos possíveis. Eu mesmo, no momento em que escrevo estas considerações finais, já começa a optar por uma delas; que certamente me levarão a muitas outras. Portanto, a minha caminhada enquanto pesquisador, não foi concluída...

Realizar esta pesquisa foi um esforço de paciência e perseverança em rascunhar, escrever, reescrever, não conseguir escrever, desanimar, reanimar. Tudo isso fez parte do processo de feitura deste trabalho. É a satisfação do dever cumprido e a certeza de que muito ainda há por fazer, o maior aprendizado que trago comigo. As experiências das entrevistas, leituras e escrita me fizeram amadurecer, não só como pesquisador, mas também como ser

humano. Portanto, ao som da banda de música, dos tambores e pífaros, e aos aplausos de todos, pode-se descer as bandeiras, pois, por enquanto os enredos de festas terminaram. Espera-se nova oportunidade, para em breve, voltar a hasteá-las novamente...

## REFERÊNCIAS E FONTES

- AMARAL, José Fernandes do. **Memória dos Negros do Rosário**. Jardim do Seridó-RN, 31 de jan. 2005. (Entrevista Inédita).
- ANDRADE, Joel Carlos de. **Os Filhos da Lua: poéticas sebastianistas na Ilha de Lençóis-MA**. Dissertação (Mestrado em História Social). Universidade Federal do Ceará: Fortaleza, 2002.
- ARQUIVO DA PARÓQUIA DE NOSSA SENHORA DA CONCEICÃO. **Livro de Tombo 2**: festa de São Sebastião e Nossa Senhora do Rosário. Jardim do Seridó-RN.
- AZEVEDO, José Nilton de. **Um Passo a Mais na História de Jardim do Seridó**. Brasília: Centro Gráfico do Senado Federal, 1989.
- BASTIDE, Roger. **As Religiões Africanas no Brasil**. Trad. Maria Eloísa Capellato; Olívia Krahenbühl. São Paul: Livraria Pioneira Editora, 1971.
- CASCUDO, Luis da Câmara. **Dicionário do Folclore Brasileiro**. 9ª ed. rev. atual. e ilustr. São Paulo: Global, 2000.
- CERTEAU, Michel de. **A Invenção do Cotidiano: artes de fazer**. 11ª ed. Petrópolis: Vozes, 1994.
- CONCEICÃO, Inácia Maria da. **Memória dos Negros do Rosário**. Jardim do Seridó-RN, 28 de jan. 2005. (Entrevista Inédita).
- COSTA, Sônia Maria Azevedo da. **Memória das festas dos Negros**. Jardim do Seridó-RN, 10 de maio 2006. (Entrevista Inédita).
- CRUZ, Maria do Socorro Fernandes da. **A Comunidade Rural Boa Vista dos Negros: territorialidade, identidade étnica e invisibilidade social de um povo quilombola**. 2004. Monografia (graduação em História). Universidade Federal do Rio Grande do Norte. Caicó, 2004.

DANTAS, Joaquim. **Memória dos Negros do Rosário**. Jardim do Seridó-RN, 16 de dez. 2005. (Entrevista Inédita).

ESPINOLA, Ernesto da Silva. **Memória das Festas dos Negros do Rosário**. Jardim do Seridó-RN, 1º de maio 2006. (Entrevista Inédita).

FÉLIX, Laiva Otero. **História e Memória: a problemática da pesquisa**. 2ª ed. Passo Fundo: UPF, 2004.

FERREIRA, Aurélio Buarque de Holanda. **Miniaurélio Século XXI Escolar: o minidicionário da língua portuguesa**. 4ª ed. ver. ampl. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2001.

FESTA de São Sebastião e Nossa Senhora do Rosário. **O Seridoense em Revista da Festa**. Jardim do Seridó-RN, especial, dez. 2004, 30p.

FESTA dos negros. **Revista Jardim do Seridó**. Jardim do Seridó-RN, ed. especial, dez. 1978, 30 p.

FONSECA, Geraldo Alves da. **Memória das festas dos Negros**. Jardim do Seridó-RN, 30 de abr. 2006. (Entrevista Inédita).

FOUCAUT, Michel. **Vigiar e Punir: nascimento da prisão**. Petrópolis: Vozes, 1987.

\_\_\_\_\_. **História da Sexualidade: a vontade de saber**. Trad. Maria Thereza da Costa Alburquerque; J. A. Guilhon Albuquerque. Rio de Janeiro: Edições Gaal, 1988.

LE GOFF, Jacques. **História e Memória**. Campinas: EDUNICAMP, 1995.

LARROSA, Jorge. Tecnologia do Eu e Educação. In: SILVA, Tomaz Tadeu da. (org). **O Sujeito de Educação: estudos foucautianos**. Petrópolis: Vozes, 1995.

MÉLO, Veríssimo de. Festas de Nossa Senhora do Rosário (Dos Pretos) em Jardim do Seridó. In: **Arquivos do Instituto de Antropologia da Universidade do Rio Grande do Norte**. Natal, 1964.

MORAIS, Sebastião Arnóbio de. Festa de São Sebastião e Nossa Senhora do Rosário em Jardim do Seridó uma tradição desde 1863. **Jornal Araponga**. Jardim do Seridó-RN, 31 de dez. 2005, p.4.

NORA, Pierre. Entre Memória e História: a problemática dos lugares. In: **Projeto História**. São Paulo: PUC, nº 10, 1993.

PAIVA, Eduardo França. **História e Imagens**. Belo Horizonte: Autêntica, 2002. (Coleção história e Reflexão).

PINTO, Julio Pimentel. Os Muitos Tempos da Memória. In: **Projeto História**. São Paulo: PUC, nº 17, 1998.

RESENDE, Selmo Haroldo. Abordagens Biográficas em Foucault. In: **Nehohistória**. São Paulo: USP, nº 01, 1999.

SANTOS, Antônio José dos. **Memória dos Negros do Rosário**. Jardim do Seridó-RN, 26 de Jan. 2005. (Entrevista Inédita).

SCARANO, Julita. **Devoção e Escravidão: a Irmandade de Nossa Senhora do Rosário no Distrito Diamantino no século XVIII**. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1975.

SEIXAS, Jacy Alves. Os Tempos da Memória, (dês)continuidade e projeção: uma reflexão (in)atual para a história? In: **Projeto História**. São Paulo: PUC, nº 24, 2000.

THOMSON, Alistair. Reconstituindo a Memória: questões sobre a relação entre a história oral e as memórias. In: **Projeto História**. São Paulo: PUC, nº 15, 1999.

VEIGA-NETO, Alfredo. Currículo e História: uma conexão radical. In: COSTA, Marisa Vorraber (org.) **O Currículo nos Limiares do Contemporâneo**. Rio de Janeiro: DP&A, 1998.

\_\_\_\_\_.(org.). **Crítica Pós-estruturalista e Educação**. Porto Alegre: Sulina, 1995.

VIEIRA, José Herculano. **Memória dos Negros do Rosário**. Comunidade Boa Vista/ Parelhas-RN, 30 de dez. 2005. (Entrevista Inédita).

ZUMTHOR, Paul. **A Letra e a Voz: a “literatura” medieval.** Trad. Amálio Pinheiro; Jerusa Pires Ferreira. São Paulo: Companhia das Letras, 1993.